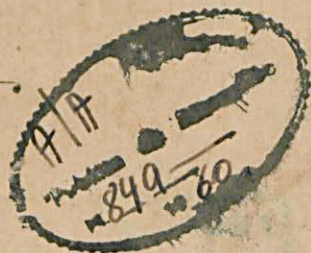


CORRÊA DE ARAUJÓ

PRMA  
869.91  
C 824e

# Evangélho de Mõço

1903—1905



Maranhão—1906

*Typ. Ramos de Almeida & C., Succs.*

*A Guerra Junqueiro*

O

**MESTRE AMADO**

*e a Carlos Magalhães de Azeredo*

Testemunho de minha sympathia intellectual

*A memoria de meu Pai,  
cujo espirito sei que vive  
commigo.*



## CORRIGENDA

A' revisão deste livro escaparam alguns senões que o leitor intelligente facilmente corrigirá; taes sejam letras omittidas, trocadas e viradas. Ainda aos descuidos da revisão deve sêr attribuida a irregularidade orthographica, apesar dos esforços do autor para conservar um systema de principio ao fim.

Corrigendas ha porem, que não se podem fazer com a leitura. Assim, a pagina 8 na 3.<sup>a</sup> quadra, se lê:

E' ante o crime endeusado etc. em vez de *E' ante o crime endeusado*

A' pagina 18 ha o seguinte verso no final de uma estrophe:—Nas estrellas do céu dentro do azul perdidas escondidas, em vez de *Nas estrellas do céu dentro do azul perdidas.*

A' pagina 19 em vez de—A ver os olhos teus etc., corrija-se:—*Ao vêr os olhos teus etc.*

A' pagina 45 lê-se—O seu meigo ineguavel em vez de:—*O seu meigo e inegalavel.*

A' pagina 55 encontra-se:—A alma é como aguia em vez de:—*A alma é como a aguia.*

A' pagina 86 está:—E' esse corpo divino. E esse seio rosado em vez de:—*E' esse corpo divino. E' esse seio rosado ?*

A' pagina 94 encontra-se dois casos de crase que saltam a vista:—A' aza que leva o justo ao pé da divindade? A' mão que impelle o mau etc.

A' pagina 136 onde se lê:—Negam-me entrada no famoso pindo, leia-se:—*Negam-me entrada no sagrado Pindo.*

Ainda a mesma pagina, em vez de:—E' num instante um mavioso estoiro, leia-se:—*Puxa o gatilho... um mavioso estoiro . . .*

Ainda a mesma pagina em vez de:—bem diria, corrija-se—*bemdiria.*

Quanto aos erros da pontuação o leitor benevolo os desculpará attendendo ser fastidioso e futil enumeral-so.



*copiar 16*

## NA LIGA

Vamos ! Canta ! Na paz immensa do infinito  
Quero ouvir sem cessar, vibrando, a tua voz;—  
Quero ouvir pela terra o echo do teu grito—  
Tal se ouvisse o estridôr duma explosão de sócs.

Canta o Amôr, canta o Bem, canta a Bondade e tudo  
Que há de bello e de puro e lyrico e risonho,  
Ficando a tudo mais indifferente e mudo.  
Em pé, no cimo astral dos Andes de teu Sonho—.

Bate-te pelo idéal que te illumina ó Forte.  
E onde bebes exangue, esses clarões azues,  
Que te emprestam valôr para sorrir na morte,  
Que te emprestam canções para soltar na cruz.

Quebra os idolos vis que a Maldade alcandora,  
Ergue os Santos que são arrastados no pó;  
E lueta sem temer, surjam n'arena embora,  
Mil braços infernaes contra o teu braço só.

Sobe ao Caucaso atroz dos prometheus afflictos.  
E em que morre sosinha a alma da Multidão;  
Entra por esse cahos povoado de gritos,  
Com um raio em cada olhar e um astro em cada mão:

Vai ! a tua doutrina, invicto derrama !  
Solta das tuas mãos as vagas luminosas;  
Projecta para o mal—esse vulcão de lama—  
As lavas immortaes do teu vulcão de rosas.

Faze dos versos teus, faze dos teus poemas  
Mãos que arrojem no abysmo as vacilantes Romas  
E pulsos de titan para romper algemas.  
E archotes collossaes para queimar Sodomas.

A' pureza que vive obscura na enxerga,  
Dá o alento vital do teu eburneo amôr;  
E' ante o crime endeusado a tua sombra se erga,  
Sinistra como a dum archanjo vingador.

Penetra pela noite alcantilada e espessa—  
Rasgando em cada treva amplissimo horisonte . . .  
Cortarás ao Orgulho a hybrida cabeça,  
E a Modestia porás auréolas na fronte.

Sêjas tu neste mundo a protectôra sombra  
Dos Miseros que vão nas trevas a clamar,  
E que não têm siquer na magua que os assombra,  
Um leito p'ra dormir e um labio p'ra beijar.

Achem sempre no arcial deste deserto rude,  
Nas vagas deste enorme atlantico de brasas,  
O Martyrio, o Direito, a Justiça, a Virtude,  
A forte protecção das tuas duas azas.

E aos que vão a curtir na escuridão secreta  
Ao frio da injustiça, a fome do perdão,  
O' verme feito Deus— astro do chão—Poeta !  
Sêjas tu um lençol, sêja o teu verso, um Pão.

Em cada inferno ardente o teu olhar desponte  
Como uma aza de estrella e uma égide de luz,  
Para sêr grande e bom só bebas nessa fonte  
Onde beben Platão e onde bebeu Jesus.



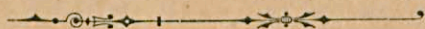
Vai pelas viellas, vai pelas gehennas, pelas  
Escuridões, onde ha tristes e desherdados:  
E p'r'a elles como uma erupção de estrellas,  
Saíam beijos dos teus labios illuminados.

Canta, o Amôr, canta o Bem, canta a Bondade e tudo  
Que ha de bello e de puro e lyrico e risonho—  
E fica a tudo mais indifferente e mudo  
Em pé no cimo astral dos Andes de teu Sonho.

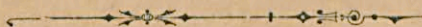
Biblioteca Pública  
São Luiz - Maranhão







# PARA AQUELLA QUE ADORO



## A MINHA MÃE

O' minha mãe ! ó minha mãe ! ó lenço  
Vivo, que enxuga as lágrimas que choro !  
O' firmamento, sobre mim suspenso !  
O' mãe, ó mãe que adoro !

O' aza branca que no Bem me arrasta,  
E sobre mim entre fulgôres erra !  
Tu és ó pura, ó redemptôra, ó casta  
A melhor mãe, da terra !

Tudo que sinto em mim, no teu singello  
Coração meigo e candido, aprendi;  
Tudo que sinto de divino e bello,  
Tudo veño de ti !

Tudo, tudo ! E ao gravar teu nome alado  
Nos puros versos deste santo preito,  
Sinto o meu coração ajoelhado  
Nas trevas de' meu peito.

Como minha'alma é fraca e pequenina  
Ante ess'alma de santa, immaculada !  
Como é graúde a tu'alma, ó mãe divina,  
O' mãe santificada !

Esse affecto que sentes, alvo e casto,  
Te põe na fronte um rútilo esplendor;  
Como é nobre e sublime, como é vasto,  
Como é grande esse amôr!

E' teu amôr uma brilhante escada  
Que tu pões diante mim para eu subir;  
E fugindo da vida amargurada  
Lá nos astros dormir.—

E' teu amôr o derradeiro asylo,  
Que em minha vida vejo fulgurar:  
Descerra a porta desse céu tranquillo  
Deixa este louco entrar!!

Gemo? tú és os canticos risonhos!  
Soffres? eu sou o balsamo que acalma!  
Guarda teus sonhos d'entro dos meus sonhos!  
Guarde minh'alma dentro de tu'alma!

E assim iremos pela dôr temida,  
Por seus infernos lúgubres correndo;  
Dos soffrimentos hypsidos da vida  
Ambos nos protegendo.

Não te falte jamais meu beijo albente,  
Não me falte jamais o teu carinho,  
—Essa formosa mão resplandecente  
Que protege o meu ninho.

E quando algum de nós da fugitiva  
Vida, romper os laços infernaes,  
Que aquelle que ficar não sobreviva  
Um só instante mais.





PARA AQUELLA QUE AMO

## DE JOÉLHOS

Ah! nem sei te explicar ó pomba meiga e casta,  
Esta doce afeição que para ti me arrasta!  
Busco em vão desvendar gos teus olhos de santa  
Este roseo luar que na minh'alma canta.  
E, ao ver-me agora aqui perto do teu olhar,  
Sinto não sei o que dentro de mim brilhar.  
Sinto dentro de mim um subito clarão.  
Como que tenho o sol dentro do coração!  
Sae-me d'alma não sei que luz diamantina.  
Rutila o meu olhar, meu rosto se illumina.  
É a luz que de mim sae, é tal, e tanto cresce  
Que tudo em derredor fulgura e resplandece.  
E horas inteiras, fico immovel, arroujado,  
Só por vêr teu olhar de lyrio humanisado.

O amôr que por ti sinto, o amôr que me enobrece.  
O' formosa Visão que ao meu inferno desce!  
Não tem nada do affecto impudico e terreno,  
Que nas veias nos jorra um igneo veneno,  
Paixão escura e vil, estúpida, grosseira,  
Vulgar como a maldade e van como a poeira.  
Esse amôr é um rugido e o amôr é uma harmonia,  
E' um sol, e tal sol immenso me allumia,  
E' uma aza e tal aza aos astros me levanta—  
Não! um crente não despe a imagem duma santa,



Para, bruto e sensual, cheio de vis desejos,  
Macular-lhe o candor co'um turbilhão de beijos.  
O meu amor é casto, é branco, é diamantino,  
E' puro, é santo, é meigo, é candido, é divino,  
E' puro como a luz cujo fulgor não finda,  
E' mais puro, é mais bello, é mais fulgente ainda!

Adoro-te ! mas ah ! idioma incolôr !  
Não te pôsso exprimir todo este grande amôr !  
Pensa tu num vulcão onde esbatem-se escravas,  
Num turbilhão febril de vagalhões, as lavas;  
Todas querem sair num impeto fremente,  
Mas a terra contém esse oceano ardente;  
E a lava não encontra uma unica abertura.  
Quer sahir, quer fugir, da sua sepultura,  
Ruge estupendamente e não acha passagem,  
E só assim terás uma obscura imagem,  
Um mediocre esboço, um symbolo imperfeito,  
Da claridade astral que irrompe de meu peito.  
E querer t'a mostrar nesta infiel linguagem  
E' o mêsmo que mostrar—e o esforço humano é fraco—  
As furias do tufão nas vibrações da aragem,  
E os fulgores do sol dentro de um astro opaco.

Mas contempla-me bem que tu verás fulgir  
O que jamais te posso em phrases exprimir.  
Fita bem teu olhar no imo do meu olhar  
E lá dentro has de vêr minh'alma a te fitar,  
Brilhando em seu eterno affecto immaculado,  
Affecto que não tem um germen de peccado,  
Rosa que não brotou, raio que não nasceu,  
Da belleza real que tens no corpo teu.  
Esse fogo sensual que aos homens enlouquece,  
Com a carne da qual nasceu desaparece.  
Mas meu amor é todo espiritual, não morre !  
Pois nasceu dessa luz que da tua alma escorre,  
E eterno ha de viver nas minhas outras vidas,  
Nas estrellas do céu dentro do azul perdidas escondidas.

Não te amo por que seja a tua formosura  
O desespero da Arte, a inveja da Esculptura.



Porque tenhas o olhar cheio de mil ardores,  
E uma bocca que engana os proprios beija-flores;  
E uns modos ideaes, angelicos, empyricos,  
Fontes de inspiração para os poetas lyricos.  
Cantem elles em ti a perfeição de Venus.  
Eu canto a perfeição dos meigos Nasarenos.  
Louvem-te a formosura, eu nos meus threnos rudes  
Só louvo e louvarei as tuas mil virtudes.  
E se fosses querida, uma dessas mulheres,  
Que amam somente o luxo, os bailes, os prazeres,  
E cujos corações materiaes, sem brilho,  
Morrem presos por entre as talas do espartilho;  
Evas, que do Jardim herdaram, unicamente,  
Os fructos da maldade e a lingua da serpente;  
E que têm ao fitar o soffrimento humano,  
Um riso de desprezo e um gesto leviano;  
Se fosses orgulhosa, envaidecida e fatua,  
Se tu fosses sómente uma formosa estatua,  
Não poderia um só momento te adorar,  
Pois não serias mais que uma mulher vulgar.  
Mas ah ! quando te vejo, ó candida Adorada,  
Alma pura, da cõr da Alma da Alvorada ;  
Quando te vejo esbelta, humilde e compassiva,  
Pelos casebres ir como uma estrella viva,  
Derramando clarões que com a modestia encobres,  
Enxugando com o Bem as lagrimas dos pobres,  
Seus cyclones moraes, impavida, acalmando,  
E com elles sorrindo e com elles chorando,  
Ao ver-te cheia assim dessa piedade infinda,  
(E nem sabes, amôr, como tu ficas linda !)  
A ver os olhos teus, de lagrimas vermelhos,  
Eu quasi, sem querer, me ponho de joelhos,  
E um desejo me vem, uma vontade incalma,  
De beijar, de cobrir de beijos a tua alma,  
E ante o céo que milhões d'astros e sóes encerra,  
Proclamar-te a mulher mais pura que ha na terra.



## INPENITENTE

Fui confessar-me agora. Ajoelhado,  
Ante o frade de barba hirsuta e feia,  
Contei todo este amor branco e sagrado,  
Que pelos nossos corações gorgeia—

E confessei-me de te ter beijado . . .  
E ante essa confissão de extasis cheia,  
O velho frade erguen-se descorado,  
«Beijou-a então ? me perguntou: Beije-a.

«Arrepende-se ? Não. A garra adunca  
Do demonio o empolgou. Filho, se emende !  
Nunca, tornei eu desvairado, nunca !»

E de lá venho numa raiva louca;  
Arrepender-me, eu ? Quem se arrepende  
De ter beijado tão divina bocca !





## TEMOR

As flôres Alinelte, estão raivosas  
E eu não posso acalmar os seus furôres;  
Ha nos jardins e moitas perfumosas,  
Odios e prantos, gritos e clamores.

E saibas já formosa das formosas,  
Que és tú a origem de tão vis rancôres,  
Pois é por ti que abandonando as rosas,  
Estão se suicidando os beija-flôres.

As rosas têm ciume . . . Conhecendo  
Sentimentos tão vis, ando sem vida,  
Ando com medo dalgum crime horrendo.

E vivo cheio d'ancias e pavôres . . .  
Cautella ! pode rebentar querida,  
Uma feroz revolução de flôres . . .







## EM DESESPÈRO

Sabes que te amo sabes, e no entanto  
Olhos fechas e sátyras me atiras:  
Julgas que os versos meus em que te canto  
Não são, mais que perjúrios e mentiras.

Que sacrilegio santo Deus! Deliras!  
Dizer tal, tanto horrôr produzes tanto,  
Que até os astros estremecem de iras  
E as flôres ficam trémulas de espanto.—

Mas amo, e que fazer?! Se não ha cura  
Para males menores, ai! tão pouco  
Não ha remedio para tal loucura.

E o desespèro que me esvai não finda—  
E vou ficando cada vez mais louco  
Vendo que ficas, cada vez mais linda.



## UMA HISTORIA

*Ao Alfredo Assis.*

O beija-flôr que dorme, aqui, sem dôres,  
Da morte o grande somno irresistivel,  
Foi o amante feliz de cem mil flôres,  
Foi um D. João terrivel.  
Nos momentos curtissimos, fugaces,  
Que elle passou por esta vida insana,  
Derrotou para sempre os Lovelaces  
Que houveram e haverão na raça humana,  
Foi um heroe. A sua vida inteira,  
Passada nesta terra brasileira,  
Cheia de mil cavalheirescos lances,  
Eu juro e affirmo que daria idéas  
Para compôr diversas epopéas  
Ou milhares de explêndidos romances.

Contam delle façanhas assombrosas;  
E talvez fossem tão famosas lendas,  
Cheias de tantas cousas estupendas,  
O que fazia endoidecer as rosas.  
Mil boninas na fiôr da idade, apenas,  
Elle levou á paz dos cemiterios;  
Por sua causa um bando de açucenas  
Commetteu adulterios;  
E nesse amôr de imperios inclementes,  
Que a mais fria razão domina e abraza,  
Muitas flôrinhas inexperientes  
Se apaixonavam—pobres innocentes!  
E fugiam de casa.



E contam que em uma noite enluarada,  
Pelo célebre Heroe lendario e bello,  
Nuas, rugindo de paixão, á espada,  
Duas rosas bateram-se em duelo.  
Foi causa de divórcios e martyrios,  
E dum clamôr cada vez mais intenso . . .  
Os lilazes então e os pobres lyrios  
Tinham-lhe um ódio immenso.

O olhar dos seus olhos estrellados,  
Agora frios, tristes, já nublados,  
Como pequenos sóes adormecidos:  
Era o terrôr de todos os casados,  
Era o terrôr de todos os maridos,  
Não sei que fluidos arrebatadôres  
Esses olhos famosos despediam . . .  
Sómente sei que as flôres  
Todas, por este colibri morriam,  
E apenas descobriam  
As suas azas que relampejavam,  
As balsaminas juvenis sorriam  
E as flôres já idosas suspiravam.  
E quando um jardineiro  
Via que alguma rosa adolescente  
Ia perdendo a côr virginea e bella,  
Advinhava immediatamente  
E dizia colérico: o brejeiro  
Já lhe roubou a *virginal capella*.

Vêl-o, era vêr a honra no athaúde:  
E das flôres até mais respeitaveis  
Disse da sua conjugal virtude  
Coisas bem detestaveis,  
Se guardasse segredo, vá que sêja;  
Mas o diabo do colibri-tenorio  
Era peor que um sachristão de egreja:  
Fazia uma conquista—e após momentos  
—Pregão difamatorio—  
Ia espalhal-a pelos quatro ventos.



Não se podia mais. O libertino  
Era o escandalo atroz da sociedade.  
P'ra os maridos acharem-se a vontade  
Pagou-se um assassino.  
E no esplendor da sua mocidade.  
Hontem morreu o Lovelace. E o mundo  
Dos homens vis. indignos. ruins.  
Nem avalia que pesar profundo

Anda pelos jardins:

Tudo ali vive de pesado luto,  
Em dolorosa e lugubre atonia.  
E são taes os lamentos que eu escuto.

Que—(não é exaggero)

Causa-me dôr aquella nostalgia.  
Causa-me pranto aquelle desespero.  
As camélias romanticas e bellas,  
Todas estão de rostos cadavericos;  
Muitas dão gritos, e milhares dellas

Têm ataques hystericos.

Não podendo dos dias que correram  
Esquecer os momentos que gosaram,  
Mil papoulas gentis enlouqueceram.  
E oitenta rosas se suicidaram.  
Não ha nada que extinga aquelle pranto  
Ou dê um lenitivo áquella dôr.

Nunca vi chorar tanto!

Nunca vi! sim senhor!

E as flôres, viúvas, me juraram todas  
Com os olhos vermelhos de chorar,  
(Sirva de exemplo ás viúvinhas, doudas  
Por umas novas bodas!)

Que nunca mais hão de querer casar!



## DUVIDAS

*Ao Dr. José Barrêto*

Ha Deus? e fico a meditar, sombrio,  
Nesta idéa cruel que me consome;  
Contemplo o espaço rutilo e vazio  
Onde perdido o meu olhar se some,

E fito o chão, num tremulo arrepio:  
—Pão humano que a cova esmaga e come—  
Vejo mil corpos a tremer de frio,  
Vejo mil boccas a gemer de fome.

Onde irão taes soluços magoados?  
Morrerão pelo ar, n'um cruel pasmo,  
Todos os gritos d'esses desgraçados?

Ha Deus? ha Deus? e o meu olhar afflicto  
Só encontra no azul, como um sarcasmo,  
A mudez eloquente do Infinito!





## NINHO EM PEDAÇOS

O teu amôr morreu! ah! e uma a uma  
As minhas illusões se vão voando!  
Muito te amei querida, e assim te amando  
Não posso mais amar mulher nenhuma.

Foges; e vae contigo o roseo bando  
Dos beijos que o meu carcere perfuma;  
Mas tua imagem ficará na bruma  
Como uma estatua d'oiro fulgurando!

Onde a vida de outr'ora linda e calma?  
Só me resta o passado, entre lampejos,  
Como uma aurora andando na minh'alma!

E dos dias de amôr restam, tristonhos,  
Os rastros luminosos de teus beijos  
Nas ruinas doiradas dos meus sonhos.





## NO PLANETA—TERRA—

*A J. Eustachio de Azevedo*

Vida ! dos males que trazes  
Não sei qual o mais tremendo;  
A ventura é um raso oasis  
No teu deserto estupendo.

Ai que fado iniquo e fero  
Sempre o throno e sempre a cruz !  
As gargalhadas de Nero  
E os gemidos de Jesus !

Sempre o mesmo atroz fadario  
Sempre o olympo e prometeu;  
Sempre Christo no Calvario  
E Nero no Colyseu;

Sempre o destino nefando  
Sempre o destino—jaguar,  
Uns vinte ou trinta cantando  
E milhares a chorar.

Oasis e sorvedoiros,  
Altars e pelourinhos.  
Uma corôa de loiros  
E uma corôa de espinhos.

Paisagens de paraísos,  
E infernos descomedidos  
Uns tres ou quatro sorrisos,  
E uma porção de gemidos.

E ha tantos, tantos horrores  
Tantos odios tanto mal,  
Taes delictos, taes furoros,  
Tantos uivos de chagal;

Tanta lama, tanto vicio,  
Que a terra sem um clarão;  
Mais parece um grande hospicio  
A correr na immensidão.

O' vida de cahos trevosos  
E de Judas deificados,  
De gigantes andrajosos  
E titans crucificados,

Para o teu tormento immenso  
Só ha um balsamo santo:  
A morte é o unico lenço  
Que pode enxugar-te o pranto!



## Diante da estatua de um general

*Ao Viriato Corrêa*

O' Christo meigo ! este que vês se erguendo  
Aqui na bronzea estatua alcandorada,  
Destruiu Gerações tal um tremendo  
Diluvio sobre a terra condemnada.

Viu sorrindo milhões d'homens morrendo . . .  
A phalange inimiga ensanguentada,  
Fugia diante do fulgôr horrendo,  
Da sua horrenda e pavorosa espada.

E hoje, coberto de perennes louros,  
Ergue-se em bronze altivo, sobranceiro,  
Esperando os aplausos dos vindouros—.

O' Christo manso de perdões divinos,  
Tu não tens uma estatua e o mundo inteiro  
Está cheio de estatuas de assassinos—!





## MARTYRIO DELICIOSO

Gostas bem sei de maltratar-me e a infinda  
Magua supporto, impavido e sereno . . .  
Bemvinda seja essa afflicção, bemvinda  
Seja em taes mãos a taça de veneno!

Fere-me mais, punge-me mais ainda.  
Que o meu martyrio é por demais pequeno.  
Espedaca-me o peito hyena linda,  
Rasga-me os sonhos ó chacal moreno!

Se por tudo se soffre e ha numerosas  
Maguas crueis, que a dôr sempre temida,  
Ante nos venha d'umas mãos formosas!

Se féra és tu, com que prazer padeço,  
Pois confesso orgulhoso, que és querida,  
A Féra mais formosa que conheço.



## JEHOVAH

*Aos Catholicos romanos.*

Esse Deus a quem dão uma maldade estranha,  
Esse velho que é irmão do Velho da Montanha,  
E imbecil como Claudio e mau como Jugurta.  
Um Deus de curta vista e intelligencia curta,  
Inimigo da luz e tudo que é progresso,  
Em nosso Parthenon não pode ter ingresso.  
A civilização que ha nã mansão divina,  
Fica aquem, muito aquem des'outra que ha na China.  
E' um barbaro! Prendeu, despotico e tyranno,  
Numa jaula de fogo, o Pensamento Humano,  
Desdenhou esse Rei, cuspiu esse Colosso,  
Poz-lhe ironicamente um pé sobre o pescoco,  
E fez entrega após, num riso galhofeiro,  
Da chave desse inferno, ao papa—o carcereiro—  
Prendeu a Luz! mas ah! quem póde encarcerar,  
Quem pode destruir um raio de luar?  
Ponde uma luz qualquer em trevas perennaes,  
E ella brilha, ella fulge, ella illumina mais.  
Prendeu-a, mas fugiu um raio pela fresta  
E a gotta se fez mar e o grão se fez floresta.  
Subindo para o azul immenso e radiante,  
Cresceu, cresceu, cresceu, tornou-se num gigante.  
Num gigante viril, que está neste momento  
Tocando já com a frente o velho firmamento:  
E que um dia, com o sol que nos seus olhos arde,  
Irá grave, perante o vosso Deus cobarde.  
E altivo ha de dizer-lhe, olhando-o fronte a fronte:  
«Tú sabes quem Eu sou? chamo-me Augusto Comte!



Grava bem em tua alma esta grande verdade:  
Eu sou o unico Deus que adora a humanidade !  
Tú que fizeste ? um ser quasi imbecil ! fizeste  
O torpe homem terreno, eu fiz o homem celeste !  
Dentro da tua estatua inconsciente e rude,  
Puz um sangue—Razão—puz um clarão—Virtude !  
Quem mais merece o amôr da humanidade, pois ?  
Olha-me bem ! quem é mais alto de nós dois ?  
Luctei muito e ao luctar feri-me, mas venci,  
Sem precisar de Deus sem precisar de ti !  
Sou robusto, sou bom, sou meigo, sou singello,  
Como és pequeno é mau ! como eu sou grande e bello !  
Ah ! ante o resplendor casto do vulto meu,  
O' velho Deus gigante és quasi um pigmeu !  
E's a mão que castiga, eu a mão que redime,  
Tú te tornaste vil, eu me tornei sublime !  
Com tua justiça caes, com meu perdão eu vôo,  
Tú julgas, és juiz, eu faço mais: perdôo !  
Sou humano e piedoso, és justo e deshumano,  
E's o escriba que passa, eu o Samaritano,  
Sou o consolador de todas as desgraças,  
Tú olha-as simplesmente, olha-as somente e passas;  
Onde ha um soffrimento e um pranto que enxugar:  
Eu immediatamente ahi faço o meu lar;  
E quando na miseria alguém geme de fome  
Sobre o catre, debalde invocando o teu nome:  
Vou pressuroso, vou incognito e obscuro,  
E penetro, a sorrir, por esse inferno escuro,  
Bato á porta e sob um prazer immorredoiro,  
Deixo sobre a soleira uma moeda d'oiro,  
O unico Deus sou eu ! ó velho—Rei—espectro !  
Expulso-te do throno ! entrega-me o teu sceptro !»



## VIDA

*Ao Hermilio Pereira*

E' como a escada de Jacob, a Vida,  
Mas uma escada negra e pavorosa,  
Uma escada phantastica e homicida  
Que é preta e que parece côr de rosa.

Um sobe: e leva a fronte luminosa,  
Desce outro: e traz a fronte encanecida,  
Como a ascensão é bella e gloriosa,  
Como é tristonha e funebre a descida.

Dentro do sonho indomito que a isola,  
Uma turba febril sobe sorrindo,  
E outra chorando lá de cima róla.

E a escada estranha, num fragôr horrendo,  
Canta aos sorrisos dos que vão subindo,  
Chora aos gemidos dos que vão descendo.





## IRMÃ DAS AVES

*Ao Luiz Carvalho*

Ella tem um viveiro. Os passarinhos  
Mal sentem passos dos seus pés pequenos.  
Vêm saudal-a repletos de carinhos,  
Numa explosão de canticos e tãrenos.

E' ella propria quem lhes faz os ninhos,  
E ao vel-os tão quiétos, tão serenos,  
Arfam de goso sob os claros linhos  
Os seus seios—dois passaros morenos—

E é bello vêr, entre emoções suaves  
Brincar com ella esse travesso e lindo  
Bando formoso de formosas aves:

Se ella corre perseguem-na e entre assombros  
Ingenuos, volta para casa rindo,  
Com um bando de passaros nos hombros.



## MORENINHA

O' moreninha de desdens perversos,  
O' moreninha trefega que eu amo!  
Os meus sonhos em ti, pousam dispersos  
Como um bando de passaros num ramo.

Teu nome feito de clarões diversos,  
Que fascinado de continuo chamo,  
Dá azas multicolors aos meus versos  
Os pobres versos que aos teus pés derramo.

Desfalleço aos teus risos escarninhos,  
Mas nunca maldirei nesses desmaios  
A mão formosa que me atira espinhos.

Ai! que em paga de tantos dissabores,  
Todos os astros te sacudam raios,  
E todos os jardins te atirem flôres.





## FACHOS

*A' J. Alfredo Fernandes.*

Padres! o vosso Deus, o Deus que ha tantos annos  
Pregais, é o maior de todos os tyrannos!  
Ante seus pés a dôr humana embalde vòs!  
Tal Deus sem coração, tal Deus que não perdôa,  
Que possúe, como um rei qualquer deste planeta,  
Infernos, padres vãos, não passa de uma peta!  
Que elle reine, que exista, é inacreditavel!  
Um Deus não pôde ser assim tão implacavel!  
E nem na Porta Azul da Celeste Esperança  
Para o mau escrever esta phrase: vingança;  
Tal palavra lhe põe negrissimo labéu . . .  
O vingar é da terra, o perdôar do céu.  
Deus é o braço que ampara, a égide que abriga;  
E' pai, e sendo pai, perdôa e não castiga;  
Acima da Razão severa que condemna,  
Está seu coração a commutar a pena;  
Deus, o bem—Deus—a luz—o eterno ou providencia.  
Esse astro, posto sobre o monte da existencia,  
O symbolo fiel de tudo que é divino,  
Que fazemos tão grande e vós tão pequenino,  
Nescios! não pode ser como o pregais oh! não!  
Elle é feito de amôr, é feito de perdão;  
E' um ser luminoso, angelico, perfeito,  
Sem um odio siquer, sem um rancor no peito!

Não mora lá na paz eterna das alturas,  
Gozando calmamente as mysticas venturas.

—Pavoroso juiz, severo, e imparcial,  
Aureolando o Bem, satanizando o Mal—  
Mora entre nós, sorrindo aos bons e aos peccadores,  
Partilhando comnosco as delicias e as dôres.  
E nas horas fataes que a existencia offerece:  
Se nos vê padecer, mais do que nós padece.  
E' o raio de luz de toda a escuridão,  
E' conforto, é sorriso, é lagrima, é clarão;  
Jamais poudede assistir a mais pequena magoa  
Sem ter completamente os olhos cheios d'agua.  
Nem uma hora sequer a sua mão descança:  
A um, atira um sonho, a outro, uma esperanza.  
Por toda parte vela o seu olhar amigo;  
Canta com um rouxinol e geme com um mendigo:  
E protege com o mesmo entranhado carinho,  
Com o mesmo grande amôr, um berço como um ninho.  
Ha uma dôr alli? buscai-o, que está perto:  
E' o oasis que vê o arabe no dezerto;  
E no mar, ao tufão que os vagalhões escalva,  
E' a taboa na qual o naufrago se salva.  
Onde ha uma afflicção, onde uma dôr palpita,  
E' ahi que Deus mora! ahi que Deus habita!

O Christo, esse que eu amo, o Christo casto e doce,  
O perfeito, que nunca uma só vez vingou-se.  
E que tinha, ao morrer, entre doces resabios,  
Mil soluços no olhar, e mil perdões nos labios:  
Aquella alma divina, aquelle Ser albente,  
Aquelle coração de quem descende a aurora.  
Não tem coleras, não! tem isto simplesmente:  
Quando o amamos, sorri; quando o odiamos, effora.  
Jamais maldiz quem vai por um errado trilho,  
E' pai, padres, e um pai sempre perdôa um filho.

Em seu rosto que a luz do proprio sol humilha,  
Tanto affecto transluz, tanta doçura brilha,  
Que a alma, ao despertar do iniquo pezadello  
Da vida, e ao penetrar no seu imperio, e ao vel-o  
Sentado no seu throno estrellado e singello,  
Tão sereno, tão bom, tão candido, tão bello,



E ao lembrar que feriu seu coração suave,  
Como a dôr que se tem de ter ferido uma ave,  
Tal remorso lhe vem das torpezas da vida,  
Que se curva aos seus pés, e chora arrependida.

Pregais: »Tremei, increus! peccadores, cuidado!  
Deus prescuta, Deus vê o mais imo peccado;  
E dá a cada um, juiz, frio e inclemente,  
O premio, que merece, irrevogavelmente!  
Cuidado! que ao soar das horas da vingança  
P'ra vós não haverá a minima esperança!  
Como haveis de ficar ante o juiz augusto?!  
Peccadores tremei! o Creator é justo!»  
E' o mesmo que dizer, dizendo o que dizeis:  
«Nosso Deus é o maior e o mais cruel dos reis!  
Esse grande espião, diabolico e invisivel,  
E' medonho, é feroz, é barbaro, é terrivel!  
Esse despota negro, esse sultão eterno,  
Possúe, como o Czar, uma Siberia—o Inferno—  
Seu negro coração é feito de granito,  
Cuidado com o chacal da jaula do Infinito!  
Ai! do que lhe negar da adoração as arrhas  
O nosso Deus se vinga! o nosso Deus tem garras!»  
E delle fazeis um retrato tão horrendo,  
Que a alma do que morre entra no céu . tremendo.

O que dirieis vós, se um filho ha muito ausente,  
Que dissipando os seus thesouros loucamente,  
Viesses após bater a porta de seu lar;  
E o velho pae gritasse: «Eu não te deixo entrar!  
O que buscas aqui? fizeste-me soffrer!  
Fizeste-me chorar! não quero mais te vêr!  
Amaldição-te! vai para bem longe! vai!  
Tú não és mais meu filho! eu não sou mais teu pae!»  
E negando-lhe a luz da paternal lareira,  
Jamais, jamais, quizesse o vêr a vida inteira?  
O que dirieis? num impulso indignado!  
Gritarieis: que pai! que pai desnaturado!

E' assim vosso Deus, Do Christo piedoso  
Fizestes um ser vil, sinistro e rancoroso.

Escondestes Jesus nas mascaras do diabo;  
Déstes-lhes cornos e o respectivo rabo.  
Que crime colossal! que sacrilegio fero!  
Pôr no peito dum anjo o coração de Nero!  
Fazer do Christo meigo um Christo sanguinario:  
Transformar numa hyena a pomba do Calvario!

Abaixo, pois! abaixo o velho Usurpador  
De Deus—eterno Bem,—de Deus—eterno Amor!  
Já basta de o aturar! já basta de o soffrer!  
Padres! o vosso Deus precisa de morrer!  
A luz brotou ha pouco embryonaria, informe.  
Inda a alma humana creê! inda o gigante dorme!  
Mas quando elle rugir, quando elle despertar,  
Erguendo para o espaço o seu immenso olhar,  
E ver na placidez do derradeiro somno,  
O esqueleto de um Deus, sentado sobre um throno:  
Dum Deus que já morreu, mas cujos vis ministros  
Fazem inda imperar seus dogmas sinistros;  
Ah! então o titan, numa furia tremenda,  
Arrancando do olhar a duvida—essa venda—  
Colerico e febril, sinistramente mudo,  
Irá no velho céo despedaçando tudo;  
E das ruinas fazendo uma montanha immensa,  
Tocará nella o archote astral da nova Crença.  
E podeis após vêr—eterno vilipendio—  
O gigante a cantar entre os clarões do incendio.





## COISAS DO AMOR

(A mim mesmo)

Desconheço-te ! outr'ora descuidado,  
Sorrias e hoje lagrimas derramas !  
Que te fez esse lindo e idolatrado  
Monstrosinho despotico a quem amas ?

Soffres ? são afflições de namorado !  
O amôr tem sempre desses *tristes* dramas;  
Feliz—pensando que és um desgraçado  
Serpes às flôres que te cobrem, chamam.

Bem haja quem na vida atra e ferina  
Só padece de amôr e dessa estrada  
Penetra pela escuridão divina.

Nescio, cheio de maguas luminosas.  
A dôr que causa uma mulher amada  
E' um punhal mas um punhal de rosas !



## AOS MESSIAS

*Ao Rodrigues d'Assumpção*

Christos ! em vão sonhais em mysticos delirios.  
A louca redempção do homem tumultuario;  
Em vão ! podeis soffrer mil annos de martyrios  
E mil vezes morrer no cimo do Calvario—

Querer a perfeição humana ! ó sonho vario !  
E' querer que sobre um rochedo brotem lyrios;  
E' querer transformar um lobo sanguinario  
Uma hyena, um chacal num deslumbrante Syrius.

Descendentes da Cruz ! Phalange Nasarena !  
Ha tantos annos já—divina vaidade—  
Que sonhando dormis nessa illusão terrena.

E esperais e esperais . . . e os seculos se somem . . .  
Christos meigos ! só ha de extinguir-se a maldade  
No dia em que morrer o derradeiro homem !





## CONSOLAÇÃO

(Aos macacos)

Se inda não habitaes esplendidos palacios  
Se a vossa raça forte inda não teve Homeros  
Nem Tassos, nem Hugos, nem Dantes, nem Horacios,  
Nunca teve tambem Caligulas e Neros.



## SUPREMA FORÇA

*Ao Lisbôa Filho*

Creio em Deus—Mas que miseria!  
Não poder acreditar,  
Nesse Deus, que tem Siberia  
Nesse Deus feito Czar;

Nesse Deus d'alma pequena  
E que tem no coração  
O que tem no peito a hyena  
E tem no ventre o vulcão.

Creio em Deus! sim! acredito  
Na Força que tudo encerra,  
Que num trabalho inaudito,  
Faz astros para o infinito  
E faz flôres para a terra.

Sob os effluvios que escorrem  
De dentro de sua mão,  
E' que os mundos e os sóes correm,  
Sem chocar-se n'amplidão.

Quem em duvidas latentes  
Vel-a de perto quizer,  
Fite os olhos resplendentes  
Duma avesinha qualquer.



Ella fala um bello idioma  
Estranho, que se traduz  
Em labios de flôr—no aroma.  
Nos labios da estrella—em luz.

Arcanjos, astros e ninhos  
Pombas e tigres crueis.  
Pantheras e passarinhos  
Dormem juntos aos seus pés.

Ante o respirar suave  
De seu peito de chrystal.  
Torna-se forte uma ave.  
Torna-se fraco um chacal.

O seu meigo e ineguavel.  
O seu bello coração,  
Tão grande tão formidavel,  
Que não cabe n'ampidão.

Quando quer o torpe abrigo  
Dos humanos visitar,  
Se encerra num grão de trigo,  
Numa gotta de luar.

Quando algum passaro morre  
E deixa implume o filhinho  
Ella vira um'ave e corre  
A por-se dentro do ninho.

Nas cavernas tenebrosas  
Anda sempre o seu olhar.  
As suas mãos caridosas,  
Nunca deixam de affagar.

A toda parte cantando  
Leva anonymo conforto—  
Ajoelha-se chorando  
Ante um passarinho morto.

Trabalha muito: num'hora  
Ante os seus olhos profundos,  
Brilhantes como uma aurora,  
Nascem milhares de mundos.

No entanto—arcano estupendo  
Que o nosso olhar não alcança—  
Leva mil annos fazendo  
Um coração de creança.

Pr'a humanidade que passa  
Entre sedas e cilícios  
Pela vida ingreme e bassa.  
Coberta de precipícios,

Não cahir, entre sorrisos,  
Vai ella a noite escondida,  
Entulhar com paraísos  
Esses abysmos da vida.

Para essa mesma mendiga  
Faminta, vil, desgraçada,  
Que por esmolla se abriga—  
Na terra—est'agua—furtada,

Manda por mãos anodinas  
Com mil sonhos deslumbrantes,  
Em grandes salvas de minas,  
Montes doiro e diamantes.

Na sua vida modesta  
Nunca fez obras inuteis,  
E horrendamente detesta  
O brilho das glorias futeis.

Seu nome . . . as almas terrenas  
Nunca souberam, nos seus  
Trabalhos, assigna apenas  
Um pseudonymo—Deus.



## MEU PENSAMENTO

Meu pensamento vive em ti, e o bando  
Dos meus sonhos azues travesso e infindo:  
Pousa em teus olhos quando estão me olhando,  
Pousa em teus labios quando estão sorrindo.

Põe versos pelo chão, mal ouve o brando  
Pisar desse teu pé moreno e lindo,  
E mudo, fica e extatico, sonhando,  
Os doces sons do teu piano ouvindo.

Cobre de beijos essas mãos formosas,  
Em teus cabellos brinca; e apaixonado  
Com o seu perfume desafia as rosas.

Corre-te o corpo todo, aureo e fugace,  
E depois adormece deslumbrado  
No signalsinho que tú tens na face.



## AOS BONS

*Ao Leoncio Rodrigues e  
José Martins de Sousa Ramos*

O' Tantalos do Pó que olhais o céu sereno,  
A grande vastidão onde o vicio não móra!  
O' Puros, que gemeis neste Inferno terreno  
Onde a Maldade canta e onde a Virtude chora!

Bebei pacientemente a taça de veneno,  
Soffrei serenamente o mal que vos devora,  
Que um dia a realizar o sonho vosso em pleno  
Azul, adejareis pelo infinito em fóra.

O' Tantalos do Pó! tende esperança. Um dia  
A aeronave immortal gloriosamente ha de  
Triumphante correr pela amplidão vasia.

E então fugindo ao odio, ao crime ao vicio, a guerra,  
A vagar, a correr na azul immensidade,  
O' bons, nenhum de vós ha de ficar na terra.





## DO CIMO DUMA MONTANHIA

A Antonio Lobo  
e ao Dr. Deeclydes Mourão

Salve, ó Immensidades,  
O' planetas, ó mundos, do Infinito !  
O' vastos ceus cheios de claridades,  
Onde jamais ha de chegar meu grito !  
Salve, ó luzente vastidão sagrada !  
Salve, ó Seres no Ser Alto absortos !  
O' grande via-lactea constellada  
Co'as almas d'oiro dos Poetas mortos !

Venho exangue do Chão,  
Venho cansado de padecimentos,  
La de Baixo o delirio e a podridão  
Abrigar-me na paz dos firmamentos;  
Venho beber Natura no teu seio  
O teu leite de luz  
A luz que num esplendido gorgείο  
Ha espalhada n'estes ceus azues !

Oh ! que concentração bella e profunda  
Que silencio ! que calma !  
Eis o teu ninho, ó Alma moribunda !  
Eis teu Claustro, minh'alma !  
Vae para o Alto ! parte !  
O veu rompendo que os teus vôos véda,  
Em fulgores divinos te biparte  
Molha os labios nos astros: te embebéda !

Como o Espaço embriaga,  
Como a Altura fascina !  
O' Mão que me alimenta e que me affaga  
Mão eterna, Mão santa ! Mão divina !  
O' Mão cujo carinho  
De germens redemptores  
Ressuscita da terra feito em linho  
Rebenta em trigo e desabrocha em fiôres !  
O' bondoso gigante  
De alma da côr do sol e do diamante !  
Deixa-me de joelhos !  
Deixa-me te adorar !  
Beijar-te a bocca nos botões vermelhos  
Beijar-te no luar,  
No azul, no chão, nas plantas e nos ninhos,  
E enlevado na voz dos passarinhos  
Eternamente ouvir-te gorgear !

Aqui sobre esta Altura  
Que a tua seiva perennal constella,  
O' Natureza eternamente pura !  
O' Natureza eternamente bella !  
Sinto que volta a essencia antiga e rara  
A purissima essencia que me deste,  
Que me eleva e me aclara,  
E o coração de perfeições me veste,  
E a minh'alma de Bom ao ver tão perto  
O teu eterno seio descoberto  
Donde a Vida sem fim desabotôa,  
Aos ares triumphante se levanta,  
E abre as azas e canta  
E abre as azas e vôa.  
Vôa—E depois de em tudo admirar-te  
Vem mansamente extatica pousar  
Sobre meus olhos para enamorar-te  
Sobre meus labios para te beijar.

Aqui perto das plagas silenciosas  
Do abysmo constellado,  
Contemplando as estrellas—essas rosas  
Aereas, luminosas,



Desse jardim no azul arrebatado;  
Talvez ouça algum grito despedido  
Dalgum mundo nas nuvens escondido,  
Dalgum vasto planeta povoado.

Ah ! parece que sobre esta montanha,  
O' Natureza, ó Deus, ó Redempção !  
Mergulho no luar da tua entranha  
Penetro dentro do teu Coração;  
Transfiguro-me, e em extasis, disperso  
Em lampejos, a ti me identifico,  
E nas tuas mil seivas submerso  
Com seus raios lustraes me santifico.

Em allucinações brandas e boas  
Fico aturdido, mudo, sem idéas,  
Ante o muzeu do espaço onde amontôas  
Montanhas e montanhas de epopéas;  
Admiro-te em tudo rutilando  
Desde as plantas aos sóes . . .  
Brilha uma estrella e vejo-te me olhando  
Canta uma ave e escuto a tua voz.

Vejo-te em tudo isso em que te expandes  
Tudo que é grande e que me faz pasmar  
Desde uma flôr aos Andes  
Desde um insecto ao mar.  
E olhando, ajoelhadó, o céu e a terra  
Onde tua alma, limpida se encerra,  
Vejo-te em ambos multiformisada,  
Num monte, num clarão, numa alvorada:  
Sempre grande e piedosa  
Feita luz, feita força, feita amor,  
Num astro ou numa rosa  
Num lyrio ou num condor.

Vives nas trevas do covil hirsuto  
E no arrulho innocenté dos pombaes,  
Alli orvalhas um pequeno fructo  
E perfumas com um sopro os raseiraes;

Alem as longas e aridas estradas  
Vaes de flôres e fructos esmaltando,  
Pondo chilros alacres nas ramadas  
E oasis nos desertos semeando.

E ao ver-te nessa intrepida Peleja  
Para allivio d'aquelle que padece,  
O' labio de arrebol que tudo beija !  
O' santo Coração que nada esquece !  
Que protege um leão e um passarinho  
Osculo o rude Chão,  
Santificado pelo teu Carinho,  
Divinizado pela tua Mão.

Eu te agradeço as luctas bemfasejas  
O' Caridade eterna e soberana !  
Bem dita sejas para sempre ! sejas  
Bem dita em nome da miseria humana !

..

Toda est'alma que em mim palpita agora  
E ri e canta e sonha e resplandece,  
Alma que não te esquece—  
Que lá em Baixo é-treva e aqui Aurora,  
Em tresloucados jubilos desperta,  
E lembra olhando a vastidão dezerta  
Um alvo mundo onde habitou outr'ora;  
Mundo cheio de luz e de fragancia  
Bem longe deste, envenenado e baço,  
Onde vivia numa eterna infancia  
Em alegres adejos pelo espaço;  
Onde ao soar dos bandolins ethereos  
Voava solta nas alturas francas,  
E após errar pelos jardins aereos,  
Adormecia sobre as nuvens brancas.

E ao recordar esse jardim infindo  
Maravilhoso, claro, immorredoiro.  
Para onde um dia voltará sorrindo.  
Com duas azas de oiro



Ella que vive sobre o Pó, mesquinha.  
Aos arés sobe, pelas nuvens vóa,  
E te buscando em tudo, te acarinha,  
Te bendiz, te venera, te abençoá.  
Sinto que se ajoelha e se embevece  
Dentro do esquife da materia, estreito,  
E louca rutilar qual se eu tivesse  
Um pedaço de sol dentro do peito;  
Sinto que ella renasce  
Da carne corrompida, pura e nova  
Como um lyrio gentil que desbrochasse  
De dentro de uma cova.

E Ella que encontra sempre a irradiar  
Na terra ingrata as tuas Mãos piedosas:  
Mãos que para affagar  
    Calçam luvas de rosas;  
Ella que vê num confortante espanto  
Que desse teu Carinho redemptor,  
Tens sempre um lenço para cada pranto,  
Tens sempre um beijo para cada dôr;  
Advinhando que em teus ceus gloriosos  
Deves guardar aos corações chagados  
    Mil leitões luminosos,  
    Mil ninhos estrellados;  
Quer fugir—Quer voar casta e felice  
Da existencia de lagrimas, fatal,  
Como um passaro branco que sahisse  
    Da bocca dum chagal.

\*  
\*\*

Ao ver d'aqui essas tragedias loucas  
Essas tragedias de infernaes tormentos;  
Ao lembrar esses milhões de boccas  
    Repletos de lamentos;  
Esse combate, essa batalha insana  
Rubra, sangrenta, lugubre, infinita,  
E os desesperos negros d'alma humana  
Que geme e chora, e se contorce e grita:

Sinto no peito uma invasão de azas:  
Uma vontade immensa de fugir,  
De pairar sobre montes, sobre casas  
De voar, de voar como os condores,  
E aqui deixando as lagrimas e as dores  
    Subir, subir, subir . . .

Mas ah ! mudo, e impotente,  
    Mudo, impotente e fraco,  
A soluçar desesperadamente  
No soffrimento opaco;  
Ao vêr que tenho de voltar a Vida  
    Ao chaos d'onde sahi;  
A terra, ao mundo—esse intestino escuro—  
    Eu que estou cheio de ti,  
Cheio de tudo quanto é santo e puro;  
Eu que vaguei no azul dos teus espaços,  
Que com a alma vestida de gorgeios,  
Tive a enorme ventura de, sem laços,  
    Dormir sobre teus seios,  
    Sonhar sobre teus braços;  
O' minha mãe ! eu sinto que reeresce  
Meu desespero e sinto essa afflicção,  
Dum pobre morto que resuscitando  
Visse ante si um Satanaz nefando,  
Que impassível e invicto quizesse  
Encerral-o de novo no caixão.

Assim pois ó Amor. ó Luz, ó Graça !  
Que em celestes cascatas te derramas !  
Rasga, lacera, corta, despedaça,  
    Este grilhão de chammas !  
E deixa-me liberto  
Eternamente pelo espaço aberto,  
Subir em grandes rotas gloriosas:  
Ora vagando nas ethereas veigas,  
Ora dormindo sobre as azas meigas  
Das larvas ideaes das nebulosas.



A alma é como aguia, o chão detesta !  
Só pode nas Alturas-habitar . . .  
Quero subir ! quero fugir ! me empresta  
Duas azas, ó Mãe, para voar !



## A UMA CREANÇA

Creança! a vida é um phantastico navio  
Que vai doudo, a correr, por mares multicôres;  
Ora infuna-lhe a vela um temporal bravio,  
Ora assalta-lhe a prôa um vagalhão de flôres.

Agora a vês passar como um mavioso rio,  
Claro, sobre areas d'oiro, fascinadôres—  
E os teus sonhos se vão por um céu fugidio,  
Como um bando real de rutilos condôres.

Vai! caminha! progride! eleva-te! floresce!  
Esguendo-te do pó da longa estrada hirsuta,  
No cimo do Thabôr bem alto resplandece!

Para a vida vencer, ó creança risonha,  
Só basta para o ataque esta alabarda: lucta!  
E este escudo de luz para a defesa: sonha!





## BRASILEIRA

*Ao Maximo Ferreira*

Filha destes vastissimos palmares,  
Nascida sob estas ardentes zonas,  
Cresce assistindo as luctas seculares,  
Do velho mar e o impavido Amasonas.

A su alma mais branca que os luares,  
E que os sonhos formosos das Madonas,  
Tem os arrojos dos *bravios mares*  
E das nossas guerreiras amasonas.

Traz consigo a altivez nobre e altaneira,  
E o santo orgulho intermino e profundo  
De nascer sobre a terra brasileira.

Um brilho estranho nos seus olhos erra  
Pois os seus olhos sem rivaes no mundo,  
São pedaços do sol de nossa terra.



## A UM LOUCO

Triste ! triste ! Noite viva  
Feita de treva e de pó.  
Pela vida fugitiva  
Tão desolada e tão só !

Que maldicto soffrimento  
No vacuo te arrasta e leva,  
E amarra-te o pensamento  
Com uma algema de treva ?

Vaes como um tumulo errante  
Por esta existencia incalma,  
Carregando agonisante,  
O cadaver de tu'alma.

Para que inferno, captivo,  
Te leva essa angustia ductil ?  
Porque soffres Zero vivo  
O' trapo de carne inutil ?!

Mostra a humanidade fraca,  
Que se julga grande e forte,  
O teu mal que não se applaca  
Mais horroroso que a morte.



Com esse cancro que te ulcerá,  
Te inutilisa e atrophia,  
Fôra Horacio—uma chimera  
Fôra Dante—uma utopia;

Morreria a luz que raia  
E a toda terra clareia,  
Com Platão: esse Himalaya  
Não seria um grão de areia.

Que ironia fulminante!  
Que satânica irrisão!  
Tornar-se em cinza o diamante?!  
Tornar-se em lodo o clarão!?

Esse flagello, esse açoite  
Que te corta a alma e a devora,  
E' como uma horrenda Noite  
Estrangulando uma aurora.

Ao ver-te o insecto murmura,  
O corvo crocita e ri,  
O verme da lama impura,  
E o sapo zombam de ti.

Pensavas; bastou bem pouco  
Para extinguir-se a rasão . . .  
Serás tú ó pobre louco  
Inda um rei da Creação?

Que mysterio indecifrado,  
Que mysterio singular,  
Te faz rir ó desgraçado,  
Te faz assim gargalhar?

Esse teu riso tyranno  
E' um formidando apodo,  
Que arremessa o orgulho humano,  
Esse gigante—no lodo.

E' um formidavel pulso  
De sinistras claridades,  
Que derriba d'um impulso  
As nossas mil vaidades:

Terrivel, sereno, mudo,  
Numa placidez que atterra,  
Derriba, derroca, e tudo  
Cospe, pisa, põe por terra.

E vai e corre e mais cresce,  
Seu vulto na noite escura,  
Sobe mais e resplandece,  
E brilha e se transfigura.

Já não é mais um tristonho  
Riso louco e indecifrável . . .  
E' um gigante medonho,  
E' um gigante implacavel.

E' um Deus que sendo emblema  
Da justiça e da verdade,  
Fraz a balança suprema  
Onde pesa a humanidade.

Vendo-o—tremem mutiladas  
As estatuas de granito,  
E ajoelham-se curvadas  
As Pyramides do Egypto:

Como enorme cordilheira  
Rolando dos firmamentos,  
Cahe no chão a Grecia inteira  
Com todos os monumentos:

Tudo cahe, e unicamente  
Nesse cahos extraordinario.  
Glorioso e omnipotente,  
Fica de pé o Calvario.



E elle vai nas ruinas mortas,  
Buscando Idades longevas,  
Abrindo todas as portas,  
Rasgando todas as trevas.

Sobre os humanos collossos  
Atira mil vilipendios . . .  
Onde o seu pé faz destroços  
A sua mão deixa incendios.

Ao contemplar a montanha  
Dos seculos amontoados  
Mergulhando a mão extranha  
Nesses farrapos manchados.

Sen olhar féro, que o pasmo.  
—Torna frio, torna inermes.  
Tem o supremo sarcasmo  
Dum'aguia fitando um verme.

E em suas mãos reunindo  
Tantos seculos de glorias,  
Terrivelmente sorrindo  
Fal-os tiras irrisorias.

Reune-as após n'um monte  
N'um preto monte sem fim:  
Babél—que assombra o horisonte  
Ao vel-o tão alta, assim:

E olhando-a, cheio de assombros,  
Numa audacia estranha e bella  
Firme puxa-a sobre os hombros  
E morre debaixo della.

Depois . . . . .  
Na sua impotencia  
Na sua torpe fraquesa,  
Ao ver toda a omnipotencia  
Das forças da Natureza.

O humano—desses entulhos .  
Sae—vermiculo de rastros.  
Nu, errando sem orgulhos  
Ante a ironia dos astros.





## ETERNO QUADRO

*Ao Costa Gomes*

Segues . . . De escarpas mil, os sendaes estão cheios.  
Fundas covas subtis abrem-se a cada passo;  
Fraco e timido vaes em multiplos receios.  
Batalhando, a buscar outro mais amplo espaço.

A inveja rastejando anemica, sem freios,  
Paralysa-te a Mão, agrilhõa-te o Braço;  
E tremes triste e mudo em lagrimas e anceios  
Deante de cada lucta e de cada embaraço.

Um perfume fatal d'odio em redór rescende;  
O apupo te persegue, indomito e ferino,  
Mais redobra o furôr, mais a guerra se accende;

N'um sorriso infernal mil furias te consomem . . .  
Homem ! Sonho que anda ! ó Reptil divino !  
O inimigo maior que tens na terra, é o Homem !



## NA ESCURIDADE

Oh sim! Somente tu, Pura, somente! desces  
A' esta escuridão cheia de mil duendes!  
Aos meus olhos de cego, estranha, resplandesces.  
Como os astros que tu em meu olhar accendes.

No ceu, para onde com azas de sol ascendes,  
E em celestes visões aos deuses appareces.  
Os anjos, teus irmãos (pois dos anjos descendes)  
Te levarão um dia os hymnos d'estas preces.

N'este trilho por onde uma só flôr não medra,  
Vais piedosa, curando a minh'alma doente,  
Commigo mastigando este meu pão de pedra.

Pareces junto a mim (e oh quanto eu te bêm digo!)  
Um meigo seraphim loiro e resplandecente  
Levando para o ceu a alma de um mendigo.





*Osorio Lima*  
*Leslie Tavares*

## OLHANDO OS ASTROS

*Ao Osorio Lima  
e ao Leslie Tavares*

O' estrellas que avisto  
Qual de vós sois a Terra Promettida,  
Para aquelles que sobem como Christo,  
Pela tremenda escuridão da vida?  
Qual de vós sois o pouso ambicionado,  
O lindo oasis, o jardim risonho,  
O ninho d'oiro, o ninho enluarado,  
Que desta vida há tanto tempo sonho?  
Ah! quando a noite linda, assim descerra  
O nuveo seio para eu meditar,  
E vossa luz pelos espaços erra,  
Com fulgores que fazem-me sonhar;  
Quando vos vejo fulgurar n'altura.

Aqui da terra escura,  
A correr velozmente no infinito,  
Eu reptil divino, eu creatura,  
Verme feroz, concentro-me e medito,  
E erra no azul o meu olhar replecto  
D'ancias e trevas, gritos e afflicções,  
Jorrando embalde para o ceu secreto,

Mil interrogações.

E nessa lucta, agito-me altaneiro,  
Na minha triste e funebre clausura,  
Como um pequeno raio prisioneiro,  
Na fria noite d'uma sepultura.  
E ao ver o vosso brilho  
E o mal, a iniquidade

Do planeta infernal de que sou filho  
Ai! que tristeza collossal me invade!

Ahi tambem existe  
Num martyrio titanico e estupendo,  
A desgraçada humanidade triste,  
Deste planeta horrendo?  
Ahi tambem a guerra desbarata  
A multidão dos martyres sem nome?  
Ahi tambem se mata  
E se morre de fome?  
Oh sim! ahi ó desgraçados astros,  
Tambem se vive como aqui de rastros,  
Ahi tambem a iniquidade impéra,  
E enlevados nos sonhos que os consomem,  
A fera vive plagiando o homem  
E o homem vive plagiando a fera.  
Sois as jaulas fataes do Firmamento,  
Patrias do Soffrimento,  
Da miseria, da hyena e do jaguar—  
Onde as almas não deixam de soffrer,  
Onde os labios não cessam de gemer,  
Onde os olhos não cançam de chorar;  
Athaudes medonhos,  
Errando, em trevas pelos ceus profundos,  
Em que moram sem gosos e sem sonhos  
Povos de moribundos:  
Em que se travam com as mesmas ancias  
O combate da vida atro e nefando;  
Em que ha risos e lagrimas e dôres,  
Boccas sorrindo e boccas soluçando,  
Desesperos, arroubos, chagas, flôres,  
Noites, luares, podridões, fragancias,  
Tigres rugindo e passaros cantando:  
E o oiro, o oiro, o oiro,  
O doirado e terrivel sorvedeiro,  
De virtudes e de almas;  
Sinistro pulso de demonio falso—  
Que léva justos para o cadafalso  
Entre apupos e palmas;  
Hydra infernal de multiplas cabeças



Que prende o homem aos lodaças da terra,  
Em bastilhas de tenebras espessas;  
O Deus do Mal, o creador da Guerra  
Semeadôr de lágrimas e vicios,  
Sentinella do sceptro do tyranno,  
Esculptor dos bordeis e dos hospicios,  
Unico auctor do soffrimento humano;  
E' a mão de gigante ensanguentada,  
Cheia de vendavaes e cataclysmos,  
Cavando sempre pela humana estrada  
Precipicios e abysmos.

Ah! talvez nestes placidos instantes,  
Hediondos, tremendos, impassiveis,  
Batam-se ahi os homens delirantes,  
Em irosas batalhas fulminantes.

Em duelos terriveis;

Talvez nestes momentos  
Ahi morra algum Deus, crucificado  
Por grosseiras phalanges sanguinarias;  
E em silentes e mudos soffrimentos  
Morrão diante do claro ceu pasmado,  
De fome e frio legiões de parias.  
E ao pensar nos supplicios convulsivos  
Dessas famintas multidões sem pão,  
—Bando maldicto de titans captivos,  
Em ais eternos pela escuridão;  
Ao pensar nesses deuses que não tremem  
Ante os Calvarios que aos seus pés se enfloram,  
Nesses milhões de cyclopes que gemem,  
Nesses milhões de Miseros que choram,  
Nesse martyrio eterno e diabolico,  
Nessa dôr estupenda e secular,  
O' meu Deus! fico triste e melancholico,  
Como quem quer chorar . . .

Então o homem ha de ser sempre o eterno  
Prometheu, o maldicto prisioneiro?

Só existe o inferno

Só dôr existe no universo inteiro?

São todas as humanidades gêmeas,  
No soffrimento rábido e insondado?  
E saem jorros d'odios e blasphemias  
Da minha bocca de desesperado:  
O' triste, exclamo, um goso te consola!  
Tens para a dôr um balsamo instantaneo!  
Pega duma pistola,  
Puxa o gatilho e despedaca o craneo!

Mas passadas taes horas de revolta,  
Quando minh'alma as duas azas solta,  
Pela meditação,  
Não sei que voz mysteriosa e pura,  
D'anjo ou de Deus dentro de mim murmura:  
Meu filho, soffre! a dôr é a redempção!  
Soffrer como Jesus: soffrer sorrindo!  
Vencer a dôr—suprema f'lecidade!  
Quem soffre vae subindo  
Para os braços de sol da Divindade,  
A vida é o soffrimento, e este um chrysol,  
—Preto e horrendo cadinho—  
Que torna num trabalho atro e malquisto,  
A alma do sapo, alma de rouxinol;  
Sempre a vida foi isto:  
A guilhotina, a cruz, o pelourinho,  
Não se pode ser Christo,  
Sem corôas de espinho,  
Sem o sinistro golgota sombrio,  
O pobre que tem fome e que tem frio—  
O pária exangue, o pária moribundo:  
De labio secco e estomago vasio,  
Eis os felizes unicos do mundo!  
Grava no peito pois,  
Esta infinita, esta immortal verdade:  
A dôr é a f'lecidade  
Com mascara de Algoz . . .  
Que importa o soffrimento que aguerrilha  
A podre e debil carne que revestes!  
Soffre! que alem—aurca esperanza—brilha  
O resplendôr das Chanaans celestes.



E escutando essa voz—que vibra no horto  
Da minha vida de soturno monge,  
Sinto não sei que limpido conforto,  
O' mudos astros que bri'haes tão longe!

E, nos vossos mysterios  
Horas e horas levo a meditar,  
Dos espaços vastissimos, ethereos,  
Mergulhando na treva o meu olhar;  
Procurando esses mundos diamantinos,  
Vergeis alados, rutilos, serenos,  
Onde só moram seraphins divinos,  
Budhas e Nazarenos;  
Creaturas celestes radiantes,  
Cujas almas eburneas, gloriosas,  
São puras como as almas dos diamantes,  
Ou as almas das rosas;  
Archanjos—cujos corações albrantes,  
Feitos de lindas petalas suaves,  
São brilhantes, são puros e innocentes,  
Como os pequenos corações das aves;  
Seres—em cujos labios luminosos  
Nunca vibraram coleras, motejos,  
Mas somente sorrisos maviosos,  
Bençans, gorgeios, canticos e beijos.

Ahi é tudo paz e claridade,  
Um doce arroubo, um extasi sublime,  
Não turbado jamais pela Maldade,  
Nem pelas allucinações do crime—:  
Tudo está desvestido de impuresas,  
Desde os vermes as aguias mais bisarras;

A fera não tem presas,  
O abutre não tem garrás;  
E a Serpente é tão placida, tão mansa,  
E tão ingenua como um cordcirinho,  
E' a fiel companheira da creança,  
E a amiga maior do passarinho;  
E até o mar de traições hediondas

Ao invicto contagio  
Do Bem, tornou-se bom: em suas ondas  
Jamais houve um naufragio—

E o homem—um ser superior e casto—  
Veneravel, gentil, resplandecente,  
Que se eleva no espaço immenso e vasto  
    Movendo as azas maviosamente:  
Mostra o espirito insonte,  
Mostra o seu niveo coração perfeito,  
No brilho immenso que lhe cerca a fronte,  
Na claridade que lhe sae do peito:  
Claridade que é o louro da Victoria  
    Do triumpho immortal,  
De quem prendeu numa divina gloria  
Por sob os pés os furacões do Mal,  
Claridade que é o emblema lindo  
O supremo signal extraordinario,  
Signal de quem póde passar sorrindo  
Pelos tormentos de qualquer Calvario

.....  
Da podridão eterna que flagella—  
Iniquamente estas funereas vasas.  
Eu te saúdo humanidade bella!  
Eu te saúdo humanidade d'asas!  
Humanidade que já não padece!  
Eu te saúdo dos covis terrenos,  
O' raça gloriosa que floresce  
Em Uranus, em Jupiter, em Venus!  
Raça divina de titans bondosos  
Companheiros eternos de Jesus,  
Em missão pelos mundos crimosos  
Para morrer nos braços duma Cruz!





## EVANGELHO

*Ao Carlos Lima*

Homem ! busca fugir das terrenas torpezas.  
Busca-te equilibrar nas perfeições sublimes !  
Eis o que vens faser neste cahos de impurezas.  
Eis o que vens buscar neste montão de crimes.

Sê perfeito, sê bom. Ergue essas mãos accesas  
Pelo Bem, como um sol, ao mundo que redimes.  
E as honras terreaes, as glorias e as riquezas,  
Aniquila-as com a luz que tu no olhar exprimes.

Abre n'alma do Mal uma terrivel chaga.  
Prega o Amor, o Perdão, a Bondade, o Altruismo !  
Atira sobre a terra essa estrellada vaga.

Solta dentro da treva os vendavaes da luz.  
Enche com teus clarões o monstruoso abysmo  
E morre . . . e vai sonhar nos braços de Jesus.



## PROMETHEU

*Ao Luso Torres*

Cada homem é um Prometheu desesperado e afflicto.  
Lançando imprecações diante do céu profundo.  
E em ancias por quebrar a gema de granito  
Que o prende a noite vil deste mesquinho mundo.

E embalde clama, embalde! os odios do infinito  
Não cessam no furor terrivel e iracundo:  
A Peste esbofeteia a face do Maldicto,  
A Magoa despedaça a alma do Moribundo.

Ha seculos que dura esse infernal tormento,  
E nos olhos do Heroe, onde fulgura o pranto,  
Fulge a luz que roubou do azul do firmamento.

Embrulhados na morte, os seculos se vão,  
E o Prisioneiro audaz sonha e soluça, enquanto  
Ess'aguia negra—a Dôr—rasga-lhe o coração.





## TERRA DE PROMISSÃO

*A Affonso Mattos*

Perfeição, ó Chanaan, ó Terra Promettida,  
O' Astro que o homem vê da escuridão da Vida!  
Quando hão de te alcançar ó pouso ambicionado?  
Quando has de triumphar ó sonho bem—amado?!  
Ser bom! ah! sempre ter nesta jornada extensa,  
Cantando dentro d'alma uma bondade immensa,  
Sentir dentro de si um effluvio de amôr,  
Brotando sem cessar ao pé de cada dôr;  
Ser uma creatura espiritual e mansa,  
Com a rasão de adulto e o coração de creança,  
Soffrendo sem um ai todas as grandes dôres,  
Mostrando ao justo e ao mau aos bons e aos peccadores,  
Ao misero e ao banqueiro, ao imbecil e ao sabio,  
Um sorriso sem fim a fulgurar no labio;  
Ter para cada offensa um lemma—perdoar;  
Mil vezes preferir morrer de que matar,  
De que ter para sempre em toda uma existencia,  
Espectros a gritar dentro da consciencia;  
Ser austero com o rei, bondoso com o mendigo;  
Não ter na vida inteira um unico inimigo;  
Não ter um só instante a enodoar a bocca,  
Uma phrase mordente, uma palavra louca,  
Uma calunnia atroz repleta de venenos,  
Uma injuria, um sarcasmo, uma mentira ao menos;  
Mostrar inda que seja ao maior criminoso,  
Um sorriso de irmão e um olhar carinhoso;  
Attento e fraternal correr a todo lar,  
Onde hajam mães com fome e orphãos a chorar:

Diser seja a quem fôr que gema e soffra: irmão  
Tens frio, aqui tens luz, tens fome, aqui tens pão;  
E ao faser tudo isso que ao mundo assombra  
Não procurar a luz mas procurar a sombra  
Sem ter um' hora só de orgulho e vaidade,  
Com a modestia cobrindo a sua claridade;  
Ser um sol e mostrar as nuvens tenebrosas,  
A humildade da planta e a candidez das rosas:  
E olhos no ceu seguir pela existencia, com  
Um ideal—ser puro—uma ambição—ser bom:  
E' isto, ó Deus, ó luz da criação infinda,  
O meu sonho maior, minha illusão mais linda,  
E ao vêr alguém assim na multidão se erguer,  
Meus joelhos no chão se curvam, sem querer,  
Entumesce-me o peito um grande e santo orgulho.  
E escuto a alma gritar num mavioso arrulho,  
Transfigurada numa etherea f'lecidade:  
Salve orgulho da terra! honra da Humanidade!

O homem—anho! O' meu Deus! ao vêr esta visão,  
Que deliciosa luz me inunda o coração!  
Que paz celestial dentro de mim se espalma!  
Não sei em que mil ceus anda a voar minh'alma!  
Não sei que claridade é esta que me banha!  
Nunca senti ó pai, consolação tamanha!  
Nunca tive um praser tão doce e salutar!  
Que vontade ó Senhor, que eu tenho de cantar!  
Que desejo me vem nest' hora passageira,  
De beijar e abraçar a humanidade inteira!  
Sim! eu vejo se erguer do cahos medonho e escuro  
O nitido perfil do homem do fucturo,  
Um immenso clarão ao longe resplandece,  
E o homem, em seu Thabor sonhado, me apparece:  
O homem! esse Lusbel indocil e iracundo  
Que ensanguenta a su'alma ensanguentando o mundo.  
—O lubrico demonio impiedoso e altivo,  
O pantano animado, o volutabro vivo,  
Espírito da côr da treva e da gehenna,  
Plagio horrendo do lobo, imitação da hyena,  
Tigre phenomenal que raciocina e fala,  
Que nem o proprio tigre inconsciente eguala:



Luz feita de punhaes, astro feito de espinhos,  
Phantasma dos jardins, horror dos passarinhos—  
Transformou-se num anjo immaculo e suave  
Mysto de luz e flôr de diamante e de ave;  
Perdeu o orgulho, o egoismo e a ultima imperfeição,  
Póde enfim se chamar o rei da creação—  
Na sua face albente, angelica, serena,  
Fulgura uma expressão que nunca foi terrena,  
Uma celeste paz suave que irradia  
A bondade desfeita em jorros de harmonia;  
E nos olhos . . . nem sei o que elle tem no olhar  
Nem mesmo o proprio sol já vi assim brilhar;  
Nunca vi nunca olhar com suavidade tanta !  
E' um threno que brilha é um clarão que canta,  
E' uma porção de luz numa porção de harpejos,  
E' um raio de sol desabrochando em beijos !  
Sim ! O Nero feroz transformou-se em Jesus;  
A mão que erguia a espada agora ergue uma cruz;  
A mão que estrangulava; a mão que destruia,  
Jorrando a morte, o lucto, a lagrima, a agonia,  
Ja não ergue-se mais para despedaçar,  
Mas para redimir, mas para abençoar,  
Para trazer ao pária a sombra do seu manto,  
Para enxugar a dôr, para calmar o pranto,  
Para erguer pelo Azul as flammulas de guerra,  
As flammulas do amôr que ha de salvar a terra !

Findou-se para sempre o reinado do Mal !  
Cerravam-se na treva os olhos do punhal;  
Acabaram-se alfim todos os batalhões  
E as lavas da torpesa e as lavas dos canhões;  
Findou-se o grande crime: exercitos e reis,  
O Bem é quem já reina, o Bem, é quem dá leis,  
E solta pelo globo uma infinita paz—  
Já não se soffre ó Deus, já não se odeia mais !  
Ha sorrisos de amôr nos labios das nações;  
Fecharam-se hospitaes, hospicios e prisões;  
Em cada casa pode um misero encontrar,  
O pão, a veste, o leito, uma familia e um lar;  
Ha uma verdadeira e unica religião,  
O Bem—a claridade—o Bem—a redempção;

Na pira collossal dos grandes sacrificios,  
Queimaram-se os venaes cadaveres dos vicios.  
E todo o vil montão das coisas ignaras:  
As corôas reaes; os sceptros, as tiaras.  
E a virtude do azul dessa immortal victoria  
Occulta castamente a sua grande gloria,  
A inveja já não vem embarçar-lhe os passos,  
A maldade está cega, a treva está sem braços.  
E lá do alto fitando a terra entre esplendôres,  
Os astros dão hurrahs e lhe arremessam flôres.  
E sobre toda essa aurea e terreal ventura  
Eu vejo Alguem se erguer e se elevar n'altura.  
Eu vejo d'entre a luz que a terra inteira estrella,  
A alma humana se erguer immensamente bella,  
Como um casto Jesus alvo resplandecente,  
Subindo para o céu victoriosamente,  
Subindo para o céu diante do mal de rastros  
Por entre as collossaes aclamações dos astros.





## AMAR

*Ao Agostinho Reis*

Quem ama é sempre assim ! ora feliz vagueia,  
Num caminho sem fim de alvoradas coberto,  
Ora vé se apagar toda essa luz e aneia,  
Vendo a bruma e em redor o silencio e o deserto.

Gosa e soffre . . . Com o luar que dentro em si gorgeia,  
Vai por escuridões a tactear incerto.  
E incauto sobre um ceu corre com a alma cheia,  
De albôres, tendo em baixo o inferno entreaberto.

Disem todos que o amor flagella e supplicia  
Mas se essa mão que fere, affaga, abençoada,  
Seja tal afflicção, seja tal agonia !

Quem é que não perdôa a dôr mais temerosa,  
Se é causa dessa dôr u'a mulher amada,  
Se é causa dessa dôr u'a mulher formosa !



## D. BÉBÉ

Eil-a que passa ! Ajoelhai-vos rosas,  
Que as rosas de seu rosto vos supplantam !  
Ella passa ! e em canções melodiosas,  
Até as pedras das calçadas cantam.

Curvam-se as brandas virações; formosas  
Trovas cantando os lírios se levantam;  
E no espaço, as estrellas invejosas  
Vendo tão douda aclamação se espantam.

O' luz, que a nimbas de clarões vermelhos,  
Põe a seus pés um manto deslumbrante !  
O' flôres, fiquem todas de joelhos !

E tú minh'alma as lagrimas desterra,  
E te ajoelha deslumbrada diante,  
Da morena mais linda desta terrá !





## EVOCAÇÃO

*Ao meu tio Dr.  
José Mariano Corrêa*

Ancia de ser perfeito, ancia de progredir,  
De alma que quer voar, de alma que quer subir,  
Sempre veja do horror da noite que me leva,  
Tua mão luminosa a me acenar na treva,  
Sempre dentro de mim te sinta palpitar  
Como dentro dum cahos um raio de luar...

.....  
O' victoria maior da Terra ! o' Perfeição !  
O' luminosa altura, eu chamo-te do chão !  
Encarna-te em meu ser ! penetra-me no cranco !  
Entra com teu pharol neste subterraneo !  
E desse aureo fulgôr com que tanto me enlevas  
Fase olhos para por nas orbitas das trevas !  
Põe germens de arrebol em tudo que é escuro ! ...  
Fase de mim um bom ! faze de mim um puro !

Quando eu cahir, quando eu exausto de supplicios,  
Rolar na escuridão de vastos precipicios,  
Que no fundo do abysmo onde chore entre assombros,  
O' par de Azas de Deus tú nasça-me dos hombros !  
Minh'alma só por ti palpita, anceia, clama,  
Protege este clarão que affoga-se na lama,  
Attende o meu clamor, applaca o meu delirio,  
Faze do raio um sol, faze do verme um lyrio !  
E aos planetas lustraes que a tua luz povôa,  
Perfeição, perfeição, vò commigo, vò !

Levando esta minh'alma alva e resplandecente,  
Como um niveo condor que num vôo potente,  
Levasse ante o silencio enorme d'amplidão,  
Preso dentro da garra uma constellação !





## ALMA DE MULHER

*A' José Mariano C. Araujo*

Pelo parque nós íamos . . . Ridentes,  
Em derredor os roseirae floriam . . .  
Paramos junto as jaulas reluentes,  
Em que os tigres e os leões rugiam.

E alli, beijando as suas mãos-argentas,  
Contei-lhe as dôres que me consumiam,  
E a causa destas lagrimas ardentes...  
E os seus labios sarcasticos sorriam.

Muito fallei deste martyrio infindo,  
Das maguas dos meus sonhos destruidos,  
E ella a cruel, continuou sorrindo . . .

E chorei . . . minhas lagrimas queimavam,  
E ella sorria, enquanto commovidos,  
Até os tigres e os leões choravam.



## PARABOLA

*Ao Maranhão Sobrinho*

Ia o viajor pelo sendal maninho . . .  
Subito um bando de salteadores,  
Feriu-o e elle ficou, entre estertores.  
No pó da estrada, a agonisar sosinho.

Muitos passando, ouviram-lhe os clamores.  
Com um sorriso sarcastico, escarninho,  
Mas alguém levantando-o do caminho,  
Curou-lhe as chagas e extinguiu-lhe as dores.

O' virtude ! num gesto moribundo,  
Moribunda e roubada, embalde imploras,  
Auxilio aos loucos phariseus do mundo.

E assim cahida no caminho humano  
Ha não sei quantos annos estertoras,  
E inda não veio o Bom Samaritano !





## NINHO VASIO

*Ao João Mattos*

I

Partiu . . . Minh'alma tristonha e louca,  
Geme e soluça na soledade . . .  
Ai ! que saudade de sua bocca !  
    Ai ! que saudade !

Meus sonhos brancos todos partiram,  
Desde que os labios seus me deixaram,  
Os lindos labios que me sorriram  
Os lindos labios que me beijaram.

Como persegue, como flagella,  
Esta terrivel anciedade !  
Ai ! que saudade dos beijos della !  
    Ai ! que saudade !

Talvez não volte, nem mais meu leito,  
De seus carinhos brandos, se implume,  
Nem mais a veja junto a meu peito,  
Nem mais se vista com o seu perfume.

Com o peito em chagas de magua tinto,  
Lembrando a morta felccidade,  
Ai ! que saudade grande que sinto.  
    Ai ! que saudade !

Gemendo ao peso desta agonia,  
Relembro as noites sem pesadellos,  
Noites formosas em que dormia,  
Dentro da aurora de seus cabellos.

Embalde a invoco . . . Desdem supremo !  
Fria e sinistra fatalidade !  
Desesperado soluço e gemo  
Só de saudade !

Neste medonho frio estupendo,  
Lembro a quentura dos seus dois braços . . .  
E' só agóra que eu comprehendo,  
Toda a delicia de seus abraços.

Mudo, rolando por sobre espinhos  
Morro, agoniso na soledade,  
Ai ! que saudade de seus carinhos  
Ai ! que saudade.





## RESPOSTA

*A' Manoel J. Moraes Rego*

### II

Num cartãosito roseo e resplendente,  
De enveloppe formoso e perfumado,  
Tú perguntaste curiosamente,  
Que faço eu longe do teu corpo amado.

O' meu celeste amôr ! meu lyrio albente !  
Como beijei esse cartão rosado,  
Esse cartão que trouxe o ethereo e ardente,  
Perfume teu dos seraphins, roubado.

Que faço ! perguntaste-me querida ?  
Que faz um triste quando na existencia,  
Vê a delicia que sonhou, perdida ?

O' Tigresinho lindo que eu adoro !  
Queres saber que faço em tua ausencia ?  
Faço uma coisa unicamente: choro . . .



## CARTINHA URGENTE

*A' Manoel George Gromwel*

### III

Não sei como vivo ainda  
Nesta saudade sem fim . . .  
Se tua ausencia não finda  
Que será Nilse de mim ?

Que será de mim que vivo  
Neste ninho abandonado ?  
Que será deste captivo,  
Deste pobre allueinado ?

Pois tú não sabes que o ardente,  
Amôr forte com que lucto,  
Não quer que estejas ausente,  
Embora seja um minuto ?

Não sabes que o meu destino  
O meu futuro invejado,  
E' esse corpo divino,  
E esse seio rosado ?

E uma semana já passa  
Des'que foste meigo lyrio . . .  
Sete dias ! que desgraça ! . . .  
Sete dias ! que martyrio ! . . .



E nestes dias tristonhos  
Eu só vivo a suspirar  
Entre supplicios medonhos  
Morrendo por te beijar.

Para escrever-te contando,  
Toda esta minha afflicção,  
Molhei a penna no bando,  
Das maguas do coração.

E—alegre prisioneira—  
Para felicidade minha,  
Te mando a minh'alma inteira  
Mettida nesta cartinha.

Nella—e basta para enche-la—  
Vai fulgindo o meu carinho.  
Como uma formosa estrella,  
No bico dum passarinho.

E vai, Nilze, recheiada  
De tantos beijos que creio  
Pagará assim pesada  
Um dinheirão no correio—



## MARTYRIO SECRETO

### IV

Ao verem-me passar mudo e abatido  
Do convívio dos homens isolado,  
Como quem ha em ténèbras vivido  
E muito tem soffrido e tem chorado;

Alguns murmuram num pesar fingido:  
«Como está triste! como tem mudado!»  
E outros: «bebe demais! está perdido!»  
Poeta . . . morre tísico . . . Coitado.»

O' petala de luz que eu não esqueço,  
O' Mão que pelos astros me arrebatá,  
Somente sabes tú de que padeço!

E jamais saiba a multidão das ruas,  
Que o que me fere, que o que mais me mata  
São as saudades, as saudades tuas.





## SUPPLICA

### V

Sim ! eu soffro somente é de saudade !  
Saudade tal que já me causa espanto  
Esta immensa tristeza que me invade,  
Este continuo deslizar de pranto.

Desde que foste, ando sem alma ! Quanto  
Pesa-me a noite desta soledade !  
Vem, ó meu Sonho luminoso e santo !  
Vem ! já não posso mais soffrer ! Piedade !

Meu coração sangrando se revolta  
Ante as garras das dôres que o devoram . . .  
Volta ! os meus labios querem beijos ! Volta !

Vem arrancar-me desta dôr adunca ! . . .  
O' Eterna Adorada, os que se adoram  
Nunca deviam separar-se, nunca !



## COISAS DO CORAÇÃO

Enfermo deste amôr que é meu martyrio,  
Deitei-me e adormeci.  
Pensando em ti ó meu celeste lyrio,  
Pensando sempre em ti.

Dormi . . . tombei inerte sobre o leito  
Esgotado da lide fatigante.  
Mas o meu coração dentro do peito,  
Não dormiu um instante;

E na paixão fremente que o enlouquece,  
Murmurou mal me viu adormecer:  
«Dorme . . . que traição ! quem dorme esquece,  
E eu não quero esquecer.

Repousas, calmo, frio, socegado,  
Dormes ! ? que importa ! ficarei de vèla !  
Tú podes esquecel-a ó desvairado  
Que eu não me esqueço della.

Dormir agora . . . Que leviandade !  
Que delicto ! olvidar aquella estrella !  
Dormes, emquanto eu gemo. Que saudade.  
Que desejo de vèl-a !



E' demais ! vou já lá ! E'-me preciso,  
Que eu não posso um instante descansar,  
Longe daquelle angelico sorriso,  
Longe daquelle olhar.

E' um segundo só. Sei o caminho . . .  
Ella vò entre sonhos á tal hora,  
Mas quero ao menos contemplar o ninho,  
O ceu onde ella mora !»

E vê amôr como fiquei pasmado  
Da paixão que me afflige e me conforta:  
Quando acordei, estava ajoelhado  
Diante da tua porta.



## TUA MÃO

Quando te aperto a mão me transfiguro  
E por serenos céus claros me arrasto.  
E após não sei porque a tremer me affasto.  
Tal se visse ante mim um ser perjuro.

Ah ! que essa mão que é o bem que mais procuro  
Nunca me seja um talisman nefasto,  
O' loiro archanjo eternamente casto !  
O' cherubim divinamente puro !

Sinto que ella protege-me na terra . . .  
Na sua rosea palma adormecida  
A lua verde de meus sonhos erra . . .

Vel-a, não posso sem que desfalleça  
O' formosa, pois vejo a minha vida  
Inteira, dentro dessa mão travessa !





## MONTANHIA PRETA

*Ao Astolpho Marques*

Sec'los ruindo, gerações tombando:  
Esses negros montões indefinidos,  
Vão sobre a terra, lugubres, formando  
Cordilheiras immensas de gemidos.

E' uma pedra cada pranto. O bando  
A flebil legião dos oprimidos,  
Augmenta e augmenta o monte fulgurando.  
Monte infernal de corações partidos.

O ceu sonha phantastico e impassivel.  
Ante o subir das lagrimas espessas.  
Ante a invasão dessa Babel terrivel . . .

E ajoelhadas as almas dos Affictos.  
Embalde clamam sobre o cimo dessas  
Formidaveis pyramides de gritos.



## PROBLEMA ETERNO

*Ao Vespasiano Ramos*

A morte, que será Deuses? A liberdade?  
O surgir da Razão após esta loucura?  
O premio da virtude e o inferno da maldade?  
Uma prisão maldita e uma mansão mais pura?

A' aza que leva o justo aos pés da Divindade?  
A' mão que impelle o mau a eterna desventura?  
O Espirito a brilhar solto na immensidade,  
Ou morto, feito pó no pó da Sepultura?

O martyrio que finda? Uma existencia nova?  
A victoria do Nada? a vida que apodrece?  
O Eden a resurgir da podridão da cova?

E o mortal curioso a tudo alfim recorre,  
E ante a treva do Arcano, e a Ancia que recresce,  
Só acha unicamente esta resposta: morre.





## AO LUAR

*Ao Dr. Oscar Galvão*

Eis-me diante da porta illuminada  
Do teu formoso, do teu casto ninho;  
Embalando o teu somno, Estrella amada,  
Eu canto aqui sosinho

Venho ver-te; e o luar, na immensidade,  
Advinhando que vim ter contigo,  
Surgiu; e toda a sua claridade  
Veio andando commigo.

E aqui perto de ti, de mim se expande,  
Sahé de meu peito um limpido fulgor . . .  
Como é grande, divina, como é grande  
Este sonho de amôr !

Dormes; sonhas; e nada te consome  
Nesse virginio e placido sonhar;  
Dormes, enquanto eu chamo por teu nome,  
Louco por te beijar.

Dormes, num somno de illusões florido,  
Por entre as ondas do cabello loiro,  
Semelhando um archanjo adormecido  
Sobre uma nuvem d'oiro.

Dormes ! mas ah ! meu coração não dorme.  
Nem este grande amôr insatisfeito,  
Que brilha, como um diamante enorme.  
Engastado em meu peito.

Vem, pois ! Fica tão longe o dia ainda!  
Desperta ! abre a janella e vem sonhar!  
Vem vêr commigo como a noite é linda,  
Como é lindo o luar.

Abre os olhos, repletos de mil preces. —  
Nas palpebras formosas escondidos;  
Acorda nos seus ninhos castos, esses  
Astros adormecidos.

Para cobrir o teu perfil de santa  
A lua despe o luminoso veu;  
Vem ! que delirio ! como o vento canta !  
Como está bello o ceu !

Esta noite é de amôr; harmoniosas  
Vibram notas de ethereos bandolins;  
Beijam-se os astros rutilos, e as rosas  
Beijam-se nos jardins.

Beijar-te-hei tambem ! E os ceus tão cheios  
De brilhos, de milhares de lampejos,  
Linda ! não fulgirão como os teus seios  
Cobertos de meus beijos.

E a lua numa languidez secreta,  
Ha de tremer de amôr pelos espaços:  
Ao vêr-me junto a ti, ao vêr um poeta  
Sonhando nos teus braços.

Mas tu não vens ! não vens ! e oh ! que sombria  
Magua o meu triste coração contém !  
A viração soluça uma elegia  
E eu soluço tambem.



Não te vendo commigo, em tudo agora  
Um grande e louco desespero existe . . .  
Que doce magoa ! como o vento chora !  
    Como o ceu está triste !

Não vens ! e pensativo me concentro.  
Aureolado d'uns clarões de dôr;  
E gemo e choro, allucinado, dentro  
    Deste sonho de amôr.

Não vens ! e tudo que na minha vinda  
Acompãnhou-me ao teu Celeste Abrigo.  
O vento, o aroma, a lua casta e linda.  
    Vão gemendo commigo.



## AS CINCO IRMÃS

*A' gentil e inspirada  
poetisa D. Laura Rosa*

Vejo-as, sempre passar, bellas e altivas . . .  
Como um doirado manto immorredouro.  
Lançando mil scintillações lascivas.  
Cai-lhes nos hombros o cabelo louro.

Mais que os brilhantes e que as joias d'ouro.  
Com que deslumbram as multidões captivas.  
Os seus olhos azues, brilham,—thesouro  
Maravilhoso de saphiras vivas.

A gente pasma, arrebatada, ao vel-as . . .  
Os seus mil diamantes, rutilando.  
Põem-lhes no corpo um fulgurar de estrellas.

Vendo-as tão frias, quão fascinadoras.  
A turba, muda, julga ver passando  
Um bando flavo de rainhas louras.







## O INCENDIO

Vê! teu desprezo—incendio multiforme—  
Tudo queima feroz e iconoclasta!  
Olha! reduz-se n'um montão disforme,  
A Roma deste amôr, formosa e vasta!

Fogem-me as crenças n'uma turba informe:  
A Dôr—negro chacal—uiva e se agasta,  
E a Esp'rança—o Tibre—que nas margens dorme,  
De fragoa em fragoa, a soluçar, se arrasta . . .

Paira um soluço pelo azul tristonho . . .  
Vê, como cahem, sob o incendio fero  
Os monumentos rútilos do Sonho!

E eu choro ao vêr-lhes as terriveis quedas,  
E inda mais choro ao vêr-te como um Nero,  
Surgir cantando d'entre as Labaredas!



## A' PRIMA

*Ao Luiz Rodrigues*

Quando tú andas, fugace.  
Leve, aerea, irresistivel.  
E' como se o chão tocasse  
Uma cytara invisivel.

Ao sentir teus pés pequenos,  
—Dois passarinhos morenos—  
Tudo treme em derredór;  
E p'ra o chão extasiado,  
Por esses teus pés, pisado.  
Não ha delicia maior.

O teu andar se parece  
Com o vôo de um cherubim . . .  
Se uma rosa andar pudesse  
Decerto andaria assim.

O teu andarsinho aereo,  
Faz cochichar em mysterio  
As flôres pelos vergeis;  
E ficam todas pensando.  
Que andas assim voando.  
Por que tens azas nos pés.

Só comparo esse faceiro  
Pisar, breve, miudinho.  
Leve, rapido, ligeiro.  
Ao andar d'um passarinho.



Nos-mundos dos meus sonhos,  
Que com versos e luares  
E amôres azues povôo,  
Passar lá sempre te vejo,  
Com teu andar (um adejo)  
Que mais me parece um vôo.

Mal te sinto, mal te vejo  
N'esse teu passo miudo  
Que vibra como um harpêjo.  
Me esqueço logo de tudo.

Os sons das tuas pisadas  
Parecem notas roubadas  
Dos peitos dos passarinhos:  
Ouvindo-os, brandos, suaves.  
Julgo que tens duas aves  
Occultas nos sapatinhos.

Ninguem, formosa, te imita  
N'esse vôar doce e brando . . .  
Ao vêr-te andar, acredita!  
Creio vêr a aurora andando.

Nesse teu passinho breve  
Podias, se desejaesses,  
A volta do mundo dar;  
Pois és tão leve! tão leve!  
Que irias sem que afundasses,  
Caminhando sobre o mar.



## SANTA

*Á Prima*

Sê sempre e sempre pura e bôa: pura  
Como as flôres e as aves mansas: bôa  
Como a luz que fecunda e aclara a altura  
Em que o teu ser divinizado, vôa.

O' lyrio errante pela terra escura,  
O' fonte astral donde o luar escôa,  
Junto de ti nem uma nevoa impura  
O meu terreno coração, povôa!

Onde estás, o ambiente fica cheio  
Desse perfume mavioso e brando  
Dessa bondade que te estrella o seio . . .

Tão bôa és, que eu peccador sem calma,  
Junto a ti purifico-me, aspirando  
Os aromas suaves da tu'alma.





## METAMORPHOSE

*Ao Quintino Cunha*

Era minh'alma um arido deserto . . .  
Um dia, ao sol de agonicos dardejos,  
Guiando entraste no seu seio aberto,  
A caravana rosea de teus beijos.

Tudo floriu . . . Bordando aureos lampejos  
No chão d'auroras e arrebóes coberto,  
Como um fallar de tremulos adejos  
Branco regato serpenteia, incerto.

Brotam flôres em trefegos delirios,  
Dô solo . . . E em todo o resplendente oasis,  
Pompeia e brilha uma invasão de lyrios.

E pelo ceu de trevas azuladas  
Vôam cantando passaros audases,  
Como um bando de cytaras aladas.



## PRIMEIRO AMOR

O' meu primeiro amôr, ó luz suave,  
O' doce aurora dos meus onze annos !  
Não ha ainda um só amôr que lave,  
Esta saudade pelos teus enganos.

Inda te lembro ! ainda ! E alguém que cave,  
Na sepultura azul dos meus arcanos,  
Ha de encontrar teu ninho d'oiro, ó ave !  
Brilhando como os astros soberanos.

Ao recordar-te soffro, e essa amargura,  
Enche de gosos a minh'alma inteira,  
Pois ha maguas mais doces que a ventura.

O' meu primeiro amor casto e risonho.  
Se foste tú a minha dôr primeira  
Foste tambem o meu primeiro sonho !





## SUPREMO ALVO

*A J. Mattos Valle  
e a Fructuoso Ferreira*

Ser sempre e sempre assim ! De olhar ao ceu voltado,  
Para a infinita Luz, intrepido, ascender !  
Ser perfeito, ser puro, humilde e immaculado  
E bom até morrer.

Pelo iniquo viver, pela existencia incalma  
Ter um alvo somente: onde a verdade existe . . .  
Pensa no eterno Deus dos justos, ó minh'alma,  
O' alma sempre triste!

Desfralda, alta e viril, por sobre a terra inteira  
O ideal que te estrella o imo do coração;  
Arvora, alma anciosa, arvora por bandeira  
Essa constellação!

Homem—cultiva o Bem—a mão mysteriosa  
Que atira sem cessar lares para a dôr—  
Cobre o Nu com a tua alma immensa e luminosa,  
Cobre-o com o teu amôr.

Expurga de teu ser os delictos medonhos  
E toda e qualquer lama e todo e qualquer pús;  
Inocula em teu peito, encarna nos teus sonhos  
Os sonhos de Jesus.

Sejas de qualquer dôr o manto lúsidio,  
O conforto perenne, o cyrineu sem nome;  
Vive para ella só, sintas embora frio,  
Sintas embora fome.

Haja diante o teu passo, erupções de flôres  
E a alegria da treva ante a luz que se aprocha,  
O jubilo do cahos escutando os rumôres  
Dum sól que desabrocha.

Poeta—na missão que te illumina, rega  
Com a crença immortal todos os versos teus,  
Cobrando a humanidade—essa orgulhosa cega—  
Com as azas de Deus.

Quando tudo descerer, quando despedaçado  
Rolar, roto no chão, o pavilhão da fé—  
Grande, nobre, leal, invencível e ousado  
Fiques só tú de pé.

Fiques só tú de pé sempre enfrentando a treva,  
Fiques só tú de pé em cima dos escombros,  
Levando o teu ideal como um titan que leva  
Dentro da escuridão, um astro sobre os hombros.





## PELA VIDA

*A Antonio C. Araujo*

Todos os homens prendem-se na terra  
Sempre a um sonho ardentemente amado:  
Uns, á sciencia, ao crime, ao vicio, á guerra,  
E aos fulgôres do Idolo doirado,

Outros, a um berço que uma vida encerra,  
E a ventura de amar e ser amado:  
E tú cuja alma pelos astros erra  
O que adoras, ó pobre desvairado?

Sei o que buscas pela insana trilha,  
Um ideal, ó cenobita rude,  
Em tuas trevas solitarias brilha !

Brilha, e tú vives cada vez mais triste !  
Pois que na terra buscas a virtude  
E a virtude na terra não existe !



## DESTINO HUMANO

*A Manoel C. Araujo*

Em cada um ente que contemplo, vejo  
Logo o signal das lagrimas na face;  
E nos olhos descubro-lhe o lampejo  
Dessa agonia que no berço nasce.

Quem já houve que, embora em breve adejo  
Pela existencia, sem soffrer, passasse?!  
Inda a terra não teve um dia o ensejo  
De vêr um homem que jamais chorasse.

O' sêr feliz, no goso encanecido,  
Volve um olhar ao teu vivêr já findo,  
Lembra-te bem! . . . nem sempre tens sorrido!

Olha o passado! E tú verás no bando  
Dos dias claros, que te viram rindo,  
Passar um dia que te viu chorando.





## EM UMA NOITE ESTRELLADA

*Ao Nascimento Moraes*

O' estrellas do espaço, astros da immensidade,  
Mundos brancos, onde eu hei de habitar um dia!  
E' por vós, só por vós, que eu sinto esta saudade  
E o enfadonho negror desta melancholia!

Ao ver agora à noite o vosso eterno brilho,  
E' que doe-me inda mais este cruel pesar,  
E exilado soluço e soffro como um filho  
Que o destino levou distante de seu lar.

O' oasis de luz, errantes no infinito,  
Moradas onde habita um luminoso Abril!  
Qual a minha missão neste mundo maldito,  
Tão pequeno, tão mau, tão barbaro, tão vil?

Qual a minha missão nesta masmorra errante?  
Qual o facho que eu venho erguer neste paul?  
O' formosos jardins da immensidão distante!  
O' Ninhos auroraes perdidos pelo azul!

Oh não! eu nunca fui deste mundo obscuro,  
Que é um atomo entre a immensa criação,  
Bem sei que já vivi num planeta mais puro  
E fitei outro sol e vi outra amplidão!

Bem sei que ja vivi numa estrella do espaço.  
Paraiso de amôr fechado para os maus.  
Onde a aza veloz substitue o braço,  
O braço que me prende as trevas deste cahos.

Já pairei sobre vós, ó regiões serenas !  
E de vós foi que trouxe o impavido esplendôr  
Que dá-me entre a explosão das corrupeções terrenas  
Escudos contra o vicio e escudos contra a dôr.

E ao vêr-vos fulgurar em brilhos immutaveis,  
Mais germina a saudade e cresce-me a afflicção . . .  
Quando se extinguirão taes dias execraveis ?  
Quando se findará a minha escravidão ?

Quando é que deixarei de ouvir estes gemidos  
Que sacodem-me o ser em brutas convulsões.  
E não mais fitarão meus olhos doloridos,  
Vencida pelos maus, a legião dos Bons ?

Quando é que chegará o luminoso dia  
Em que hei de quebrar o meu grillão nefando.  
E não contemplarei mais prantos de agonia,  
Nem esta multidão de martyres chorando ?

Ai ! esse quadro atroz me punge e me aniquila . . .  
E sois vós que me dás, na rispida tortura,  
A calma para não despedaçar a argilla  
Dessa lousa que cobre a minha sepultura.

O homem que vos habita em pouso momentaneo  
E' um ser luminoso, angelico, perfeito.  
Sem um atomo só de torpesa no craneo  
E uma restea sequer de colera no peito.

Em vós, ó virginaes habitações divinas,  
Tão distantes do olhar do morador do Pó.  
Não se escuta o rugir das guerras assassinas.  
Nem um grito de dôr, nem um gemido só.



Por essa vida é que eu ha tanto tempo aneio.  
E vos olha saudoso o meu saudoso olhar . . .  
A dôr de não morar na luz de vosso seio  
E' que me faz soffrer, é que me faz chorar.

.....

O' tú, terra fatal ! Ilha do meu desterro !  
Eu vim em ti buscar a ambicionada palma,  
Eu vim em ti purgar meu derradeiro Erro  
E a ultima Escuridão que tinha dentro d'alma !

Agora, irei morar num sol da immensidade  
E depois . . . a seguir em rôtas gloriosas,  
Nunca mais te verei, ó Patria da Maldade,  
O' Siberia infernal das almas criminosas !



## LÁSAROS

*Ao Francisco Serra*

Para elles a vida entre infernos se encerra.  
E o mundo tão povoado é uma deserta plaga.  
Dos seus corpos, um Deus louco e cruel, enterra  
Uma espada infernal dentro de cada chaga.

No Atlantico de dôr que inunda toda a terra  
Onde a alma immortal tantas vezes naufraga.  
Olhando ao longe o ceu que a Porta Azul lhes cerra,  
Elles vão a chorar sobre a mais alta vaga.

Ao romper esta nevoa, as almas dos Feridos  
Vão encontrar no ceu onde Deus as aguarda,  
Nas mãos dos seraphins—todos os seus gemidos.

Leprosos, não choreis ! Para os que vão de rastros,  
Para os que soffrem mais, Deus, piedoso, guarda  
Um leito de arreboés no pincaro dos astros !





## DENTRO DO ABYSMO

Morria . . . O abysmo em baixo, esboroadas  
Fauces horriveis para o espaço abria,  
E eu suspenso no vacuo, as mãos pousadas  
Nas margens negras, já sem fé, morria.

Sei que caí mas que ao cair, sagradas  
Mãos me ampararam na voragem fria;  
E, ao despertar, Alguem d'azas doiradas,  
Alguem que eu amo junto a mim, sorria.

Eras tú! Amparaste-me e fugiste:  
E eis-me de novo cheio de desditas!  
E eis-me de novo desvairado e triste!

E clamo e gemo . . . que cruel contraste!  
E's tú agora que me precipitas  
No mesmo abysmo d'onde me tiraste!



## COMBATE

*Ao Rubem Bittencourt*

Firme, sobre a montanha, ergue-se alcandorado  
No mysterio immortal d'um pavoroso mytho,  
Como um regio condôr alli petrificado,  
O castello, affrontando as nuvens do infinito.

Tal um bravo mar errante e ensanguentado  
Elastico, febril, colerico, maldicto,  
Avança a hoste inimiga, indomita, e assaltado  
Treme o velho solar nas bases de granito:

Recua, avança e vai ferindo e derribando:  
Corre o sangue, e ao rumor do combate que cresee,  
Os galhardos heróes agonisam cantando . . .

De subito um clarim nas torres seculares  
Estruge, e entre a explosão bruta que sôa, vê-se  
O castello voar em trapos pelos ares.





## A UNS OLHOS

### I

Olhos bons, olhos formosos,  
Onde Deus guardou a luz !  
Olhos meigos e piedosos  
Como os olhos de Jesus !  
Olhos repletos de anceios,  
Cheios de lagrimas, cheios  
Dum extranho padecer !  
Nunca mais um só instante,  
Na minha existencia errante  
Eu hei de vos esquecer !

Nunca mais, sim ! que a tristeza  
Do vosso olhar scismadôr  
Revela tal dôr represa,  
Revela tamanha dôr,  
Tal soffrer, tal agonia,  
Tal amargura sombria,  
Tantos prantos, tantos ais,  
Mostra tanto soffrimento,  
Que quem vos vê um momento,  
Não vos pode esquecer mais.

Tinheis tal pezar extranho  
No instante em que vos filei,  
Um soffrimento tamanho,  
Que só ao vel-o chorei;

Chorei de dôr, pois é tanta  
A magoa que vos supplanta  
Nessa tristesa fatal,  
Que se vos vissem, de pena  
Gemeria a própria hyena.  
E choraria o chacal.

Qual é a origem maldita  
Dessa tristesa sem fim?  
Que dôr, que dôr infinita  
Vos faz tão meigos assim?  
Qual é a eterna amargura,  
O germen da noite escura  
Desse tremendo penar?  
Que mysterio em vós existe,  
Que o vosso olhar é tão triste,  
Tão triste que faz chorar?!

Quem vos vê, ouve o profundo  
E doloroso clamôr  
Dum coração moribundo,  
Dum'alma morta de amôr  
Ha clarões ensanguentados  
De sonhos despedaçados  
Dentro em vós phosphorescendo.  
E mudos e doloridos  
Olhares de anjos feridos  
E de passaros morrendo.

Ai olhos de meus sonhares,  
Que por um castigo vi!  
Olhos cheios de pezares,  
Que eu nunca mais esqueci!  
Olhos repletos de anceios,  
Cheios de lagrimas, cheios  
Dum extranho padecer!  
Sêde os dois formosos cyrios  
Que illuminem meus martyrios  
No momento em que morrer!



## POR UM OLHAR

### II

Meia-noite ! que contraste !  
Tú dormes e eu penso em ti !  
Desde o instante em que me olhaste,  
Eu inda não te esqueci !  
Meia-noite ! E delirante,  
Tento em vão adormecer,  
Quero esquecer-te um instante  
E não te posso esquecer !

Olhaste-me e no aureo bando,  
Dos sonhos foste a passar,  
Enquanto fiquei pensando . . . .  
Pensando no teu olhar . . . .  
Nos mil arroubos dessa hora,  
Não sei mesmo o que senti . . . .  
Ah ! só sei que até agora,  
Inda estou pensando em ti.

E assim num extasi immenso,  
Num sonho inebriadôr,  
Eu vôo, eu corro suspenso  
Nas azas de meu amôr.  
E esse aereo paraíso  
Em que vou a divagar,  
Brilha como o teu sorriso,  
Fulge como o teu olhar.

Nem calculas ao me olhares  
Todo o mal que me fizeste,  
E os infinitos pesares,  
E os martyrios que me deste !  
Olhaste e desapareceste  
E eu não deixei de te vêr,  
Olhaste e já me esqueceste  
E eu não te posso esquecer !

Não posso ! E quasi nem lucto  
Com esta magoa sem fim . . .  
Vê como tú num minuto  
Fizeste um louco de mim !  
Já nem te lembras dess'hora  
Desse instante em que te vi.  
E no entanto até agora  
Inda estou pensando em ti !





III

O' meu coração tristonho!  
O' meu triste coração!  
Fechado dentro dum sonho,  
Como um astro num caixão.

Que fada de reino alado  
Te prendeu com seu encanto?  
Coração allucinado,  
Por quem é que pulsas tanto?

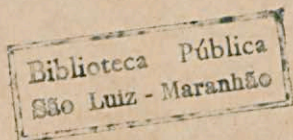
Que fulgôr de vivos Syrius  
Te cobriu de claridades?  
Por quem são esses delirios?  
Por quem são essas saudades?

Que meigo olhar feiticcioiro  
Nas tuas chimeras arde?  
Quem te faz prisioneiro?  
Quem te escravisa, cobarde?

Oh! bem sei o que te enleva,  
Bem sei o que te seduz!  
Louco! esquece aquella treva!  
Cego! esquece aquella luz!

Olvida o magnetismo  
Daquelle formoso olhar !  
Cego ! não vás para o abysmo !  
Louco ! deixa de sonhar !

Esquece a luz que illumina  
Os teus sonhos de triste !  
Esquece a chamma divina  
Dos olhos negros que viste !





## A UM SONHO

### IV

Sonho branco, branco sonho,  
Lavas meu peito chagado,  
E o meu existir tristonho,  
Com um balsamo enluarado !

Meu coração submerso  
Em nostalgias trevosas,  
Deitaste-o num aureo berço,  
De luses melodiosas;

Entraste em loucos adejos  
Pela steppe de meus dias,  
Como um cyclone de beijos,  
Como um tufão de harmonias;

Vendo-te os brilhos risinhos  
Com que tanto me confortas,  
Ressuscitaram meus sonhos  
—Um bando de auroras mortas—

E ah ! que goso sinto ao vel-as  
Envoltas em niveas gasas,  
Como uma turba de estrellas  
Dormindo nas tuas azas !

Vestiste meu rôxo outomno  
De plenilunios em flôr:  
Fechaste com um longo somno  
Os olhos da minha dôr:

Tudo renasce e fulgura,  
E se muda dentro em mim . . .  
Sou como uma sepultura  
Transformada num jardim:

Uma aza azul me arrebatã  
Por luminosa amplidão . . .  
Como que um sol de prata  
Me explode no coração:

Deslumbram meus cegos olhos  
Universos multicôres,  
E em meus saharas de abrolhos  
Irrrompem vulcões de flôres:

Não sei que mão adorada,  
Em tresloucados anceios,  
Derrama na minha estrada  
Um diluvio de gorgeios:

Fugiu a minha agonia  
E as dôres todas voaram,  
Desde que te vi um dia  
Nuns olhos que me fitaram:

Desde que cahi vencido  
Por teu celeste fulgôr,  
O' branco sonho querido!  
O' branco sonho de amôr!



## ETERNA MAGOA

*A Raymundo Corrêa Rodrigues*

Fique occulto este amôr; fique encerrado  
Dentro de mim como um clarão perdido  
Este profundo amôr ignorado,  
Este perenne amôr desconhecido.

Não entende o que soffro e o illimitado  
Tormento eterno que me tem ferido.  
Só quem não tenha inda uma vez amado,  
E, não amando, não tiver soffrido.

Que nunca possas descobrir o pranto  
Do triste, que na chamma que o flagella,  
Tem soluçado e padecido tanto:

Que não saibas jamais d'esta agonia  
O' estatua de marmore, tão bella!  
O' estatua de marmore, tão fria!



## A I. XAVIER DE CARVALHO

A gloria—eis o teu mundo—o rutilo Universo  
Que esmaltas com o luar harmonico da Rima:  
Vive ali, numa aurora extranha submerso,  
Teu niveo coração que um sopro de astro anima.

Victorioso e audaz pelo Lodo perverso,  
Tens na frente o esplendor que dos sóes te aproxima:  
Sobre um carro de fogo, ó Elias do Verso,  
Arrebatado vaes por mundos d'oiro acima!

Quem pode desvendar n'essa aparente calma,  
Os Fulgôres que Deus no teu craneo arremessa,  
Os Poemas reaes que te florescem n'alma?!

Canta! e que o livro teu, por entre as Obras grandes,  
Fique eterno, immortal, impavido, como essa  
Epoepa de pedra intitulado—Os Andes.—





## A UNS NAMORADOS

Ah ! estes dois namorados  
São uns diabos disfarçados.  
São uns demonios, Jesus !  
Uns monstros astuciosos  
Cheios de crimes formosos  
E peccadinhos azues.

Quando então se encontram juntos  
Nunca esgottam-se os assumptos  
Nunca cessam de fallar.  
E quando o labio se cala  
E' então o olhar que fala  
E dizem tudo no olhar.

E aos vel-os juntos, suspenso  
Fico, num estasi immenso,  
Entre mil venturas loucas,  
Ouvindo os threnos perfectos  
Que rebentam desses peitos  
E gorgeiam nessas bocças.

Ah ! o âmôr ! o âmôr, ó doudos,  
Tem mais sons que os ninhos todos.  
Mais brilhos que os céus azues !  
O amor—mysterio suave—  
Canta mais que qualquer ave,  
Brilha mais que qualquer luz !

Arrufos, zelos, ciúmes,  
Zangas, lagrimas, queixumes,  
Qualquer magoa, qualquer dôr,  
Isto tudo treme, oscilla,  
Rue, desaba, se anniquila  
Diante dum beijo de amor.

Coraram ? Mas para um beijo  
Não precisa tanto pejo.  
Não ha nada que temer !  
Num beijo não ha maldade,  
Podem beijar-se a vontade !  
Podem beijar-se a valer !

Beijem-se ! e seja maldicto  
Quem faz do beijo um delicto,  
Um torpissimo labéu;  
Se é elle um crime, esse crime  
Esse attentado sublime  
Se pratica até no céu.

Não temam ! que o amôr sem beijos  
E' como um sol sem clarões,  
E' como um céu sem lampejos,  
Como um ninho sem canções:  
Neve—o sol pode solvel-a  
Pois o beijo é para o amôr  
O que a luz é para a estrella,  
O que o aroma é para a flôr.

Beijem-se ! E ao vel-os, os ninhos  
Terão espantos sem fim,  
Pois jamais os passarinhos  
Poderão cantar assim;  
Beijem-se ! E nesses risonhos  
Caminhos cheios dos sonhos  
Que a juventude reveste,  
Só falem de amôr ness'hymno  
Nesse idioma divino  
Nessa linguagem celeste !



Beijem-se ! quer na alegria,  
Quer no goso ou na âfflicção,  
Toquem sempre essa harmonia !  
Cantem sempre essa canção !  
O beijo—musica e aroma  
Dos peitos apaixonados—  
Deve ser o unico idioma  
De todos os namorados.



## ANCIAS

*Ao Nogueira da Silva*

I

Em que medonho cahos de pesadellos, erro?  
Em que noite, me arrasto? Em que sepulchro, vivo?  
Nem sei! na solidão mudo e febril me encerro  
E dos homens me afasto, errante e fugitivo.

A ventura, ao praser, olhos gelados, cerro,  
E somente no mal, que me feriu, revivo . . .  
Não sei como prendeu-me este grilhão de ferro,  
Adormeci liberto e despertei captivo.

Pela existencia vou como uma folha ao vento . . .  
O que sonho? o que sinto? Espesinha-me o peito  
A saudade d'um Deus longe do firmamento!

Em que mysterio immenso o coração derramo?  
Porque soffro? porque suspiro insatisfeito?  
Eis tudo a fulgurar neste gemido: eu amo!

II

Só um ser comprehende o mal que me flagella  
E entenebrece o alvor de meus brancos sonhares.  
Uma unica mulher! Dorme sob os pés della,  
Doirada multidão de versos e luars.



Quando baixa, corando, os ethereos olhares,  
Em extasis até o proprio chão se estrella,  
E' das santas do céu, e as santas dos altares  
A mais meiga, a mais casta, a mais pura, a mais bella.

Em qualquer sonho meu, despotica, figura . . .  
Meu Verso—loiro Deus que a seus pés se ajoelha  
Lhe dá azas azues para voar n'altura . . .

Só ella pela vida em canticos me leva . . .  
Sua imagem, a brilhar dentro de mim, semelha  
Uma rosa de luz a desbrochar na treva.

III

*De Coleridge*  
Aino-a! e nem uma esperança esmeraldina a bruma,  
Onde minh'alma vai com os olhos arrancados . . .  
Ai d'aquelles que a dôr dentro do inferno inhuma!  
Ai de vós, corações, no amôr crucificados!

Esses orphãos d'um ninho, esses desamparados,  
Cuja existencia a Fé não beija e nem perfuma,  
Nascem para viver nas trevas arrastados  
Pela mão que os seus céus de tenebras, empluma.

Amar-me-ha ella um dia? Eis o anceiar maldieto,  
A felina incerteza, indomita e homicida,  
Que nos hombros me põe um mundo de granito!

Eis a duvida atroz, de supplicios diversos,  
Origem d'essa dor que me apunhala a vida,  
E da magoa que vive a ensanguentar meus Versos.



## FELICIDADE

*A José Ribeiro do Amaral*

Felicidade ! ó formosa e loira ambicionada !  
Chanaan a fulgir aos olhos da alma humana !  
E's a eterna illusão da vida mutilada.  
O roseo do palacio, o verde da choupana.

Si pára um'hora só tua aza alcandorada  
Logo o vôo prosegue e se ala soberana . . .  
O homem atraz de ti, ó philaustra doirada,  
Pelos seculos vai numa carreira insana !

E's o sonho do rei e o sonho do mendigo . . .  
Pela vida o mortal te busca e moribundo  
Idealizando o céu morre a sonhar contigo.

Felicidade ! ó visão sempre fulgente e nova !  
Felicidade ! os que não te encontram n'este mundo.  
Só podem te encontrar no fundo d'uma cova !





## INFANCIA

*Recitada pelo auctor no Baile infantil realisado a 3 de  
Novembro de 1905.*

Brincaes ! e ao vêr-vos, creanças,  
Assim ingenuas e mansas,  
Ai ! que saudade me vem,  
Dessa idade fugidia,  
Em que cantava, em que ria,  
Em que brincava tambem.

Brincaes ! E nessas cabeças  
Cheias de arroubos suaves  
E de innocentes delirios,  
Divagam, bellas, travessas,  
Os pensamentos das aves  
E os sonhos brancos dos lyrios.

Brincaes ! Ainda a existencia  
Na sua eterna inclemencia  
Não vos poz o seu labéu;  
Tendes inda a alma vendada,  
Tendes inda a alma orvalhada  
Das claridades do céu.

A vida é a dôr, mas emquanto,  
Não vos fere a magoa e o pranto  
Em que toda ella se esvai,  
Emquanto não vem a vaga,  
Que despedaça e que esmaga,  
Brincai creanças, brincai !

Que este azuleo firmamento  
Que vos vê neste momento,  
No doce e ingenuo folgar,  
Nunca vos veja soffrer,  
Nunca vos veja gemer,  
Nunca vos veja chorar.

Brincai ! que nessas cabeças  
Cheias de arroubos suaves  
E de formosos delirios,  
Divaguem sempre, o' travessas,  
As utopias das aves  
E os sonhos brancos dos lyrios.





## VERSOS A PORTUGAL

*Recitados na Bibliotheca Publica por occasião da visita dos officiaes da canhoneira PATRIA.*

Portugal glorioso,  
Velho titan de barbas luminosas,  
No sereno repouso  
Das formidaveis luctas assombrosas,  
Do formidavel batalhar honroso !  
O' grande heróe no bem encanecido,  
Hoje que para nós moves teus passos,  
Vem o povo saudar-te, commovido,  
E ao contemplar-te, ó cyclope querido,  
Todos abrem-te os braços !  
Todos ! E ao ver-te o venerando aspecto  
E ao escutar a pulsação valente  
Do nobre coração resplandecente  
Que brilha no teu peito,  
Toda a nossa alma jubilosa sente,  
Vê jubiloso o nosso olhar amigo,  
Nas alegrias limpidas dest' hora,  
Que és inda o mesmo Portugal antigo,  
Que és inda o mesmo Portugal de outr' ora,  
Com o mesmo grande povo altivo e terno,  
Que é cordeiro e leão de garra adunca,  
Tendo nos olhos o fulgor eterno  
Dos que não morrem nunca.

Regio condor—no ninho alcandorado  
Em pleno coração da immensidade,  
Tu repousas das luctas do passado,  
Cheio de majestade.

Repousas, mas de ouvido attento, á escuta,  
Na tua gloria que jamais se abate,  
Prompto a voar, sereno, para a lucta.

Para qualquer combate.

E ao resoar o desejado instante  
Pegando a espada, ó velho Deus do Mar,  
A espada da Luz, heroico adiante,  
Dos povos todos te verão marchar.

Esta nação altiva que te aclama  
E á sombra augusta do Cruseiro cresce.

Esta nação que te ama

E que nunca te esquece;

Que ri contigo e que contigo chora,  
No sorriso ou na lagrima fatal,  
Sente-se cheia de uma luz sonora,  
Sente-se alegre ao murmurar agora

O teu nome immortal !

Porque além da affeição com que concorres

Para estreitar-nos em cadeias santas,  
Nas nossas veias, Portugal, tu corres,  
Nos nossos peitos, Portugal, tu cantas !

Eis porque toda a gente brasileira  
Empunhando tropheus, flores e ramos,  
Vem oscular-te essa inmortal bandeira

Que nós todos amamos;

Vem oscular-te o pavilhão lusente,

Onde tu'alma invicta se encerra,

O pavilhão que viu primeiramente

Este sol rubro e ardente

E este formoso ceu de nossa terra.

Quando dos ramos verdes o fitaram

Quando surgindo no horisonte o viram,

Todos os nossos passaros cantaram.

Todos os nossos roseiraees sorriram !

Reunindo-se, unisonos, em bando,

Em sonorosos pelotões, cantando

Cheios os bicos de milhões de rosas.

Os nossos passarinhos multicores

Foram saudar as tuas náus gloriosas

Com diluvios de flôres.



E hoje que, como outr'ora, em nossos peitos  
As mesmas fortes affeições se geram,  
Vimos todos em bandos, satisfeitos.

Para render-te preitos,  
Fazer o que sempre te fizeram.  
Vimos em bandos, esquecendo maguas,  
Cobrir de flôres o real navio  
Que se balança, airoso, sobre as aguas  
Do nosso mar bravio.

Aqui está, ó Portugal amado,  
O Maranhão inteiro ajoelhado.  
Nos santos gosos que esta festa expande,  
A oscular, no jubilo em que o vês,  
A bandeira dum povo sempre grande.  
—O povo portuguez.



## MORTE GLORIOSA

De molestias morrer ! Oh ! que desdoiro !  
Negam-me entrada no famoso pindo,  
O' Nilze, ó meu amôr immorredoiro,  
Livra-me tú deste martyrio infindo !

Basta-me apenas uma balla de oiro  
Do teu revolver pequenino e lindo,  
E' num instante—um mavioso estoiro  
E eu nos teus braços cahirei sorrindo.

De molestias morrer—horriavel sina !  
Oh ! não ! eu só a morte bem diria,  
Se ella viesse dessa mão divina !

Morto por ti ! que gloriosa dita !  
Se qualquer peste ha de matar-me um dia  
Antes me mate uma mulher bonita.





## PÓLO DO NORTE

*Para o Dr. A. J. Alves de Faria*

Epopéa de Carne ! alta Victoria Branca,  
Soberana, immortal, do Fructo Prohibido !  
O teu Fausto me cega ! o teu fulgôr me tranca  
Num luminoso céu, entre infernos, perdido !

Pólo Norte do Goso em que ninguem se atreve,  
Entre nimbos de gloria eterna, penetrar !  
Páro, mudo e cobarde, alvo paiz de neve,  
Dos teus olhos azues ante o gêlo polar !

Ao ver-te, ao contemplar-te, o' animado abysmo !  
Sinto a carne tremer como jamais senti !  
Tens no corpo um tal fluido, um tal magnetismo,  
Que me leva, me attrahe, me arrasta para ti.

Ao surgires, brilhando, ante os meus olhos baços,  
Levantam-se, em tropel, todos os meus desejos:  
Que vontade sem fim de te apertar nos braços !  
Que desejo voraz de te cobrir de beijos !

E fico allucinado, ancioso, enfebrecido,  
Num'ancia de chegar a bocca esbraseada,  
N'esse fructo aromal que nunca foi mordido,  
N'essa carne pagã que nunca foi beijada.

Diante do teu fulgôr todo o clarão se obumbra,  
A treva resplandece, a noite se illumina...  
Astro, trazes contigo a luz que me deslumbra !  
Rosa, trazes contigo o olôr que me allucina !

Para te possuir commetterei façanhas.  
Que pasmará p'ra sempre o velho mundo incrêu:  
Sinto forças em mim para rasgar montanhas !  
Sinto azas em mim para subir ao céu !

Ama-me ! e eu sinto sobre a minha fronte ardente  
Como um raio de luz pousar a tua mão...  
Ama-me ! e desde então serás eternamente,  
Minha patria, meu Deus, minha religião.

Só por ti curarei estas fataes feridas,  
Que a desgraça feroz no meu peito rasgou,  
E d'harpa arrancarei canções desconhecidas,  
Poemas geniaes qu'inda ninguem sonhou.

O Martyrio, a Desgraça, a Lagrima, a Agonia,  
Bando Negro que vae neste abrasado Pó,  
Para sempre de mim, vencido, fugiria  
Com um carinho teu, com um só beijo, um só !

Si nos olhos, fiel, em nitidas imagens,  
O craneo reflectisse os pensamentos seus,  
Veriam-te gravada em rutilas miragens,  
Nua e bella a fulgir dentro dos olhos meus.

Possuir-te, beijar-te, é ir por céus profundos,  
Envolto nos clarões dum calido arrebol;  
Possuir-te, é voar por ignotos mundos,  
Descuidado a dormir sobre as azas de um sol.

Mas debalde, debalde ! a magua que me assalta  
Sempre e sempre maldita ha de me perseguir !  
Pois tu, Montanha Azul, és tão alta ! tão alta !  
Que ao teu cimo jamais eu poderei subir.



E esta idéa cruel me afflige e desespera,  
Rasga-me o coração em furores dementes,  
Qual se nelle tivesse uma terrivel fera,  
Ou solto dentro d'alma um ninho de serpentes.

Lucto em vão. Ao fitar-te, Assombro da Esculptura!  
Um delirio fremente o corpo me sacode,  
E em tragico furor e em tragica loucura,  
Um Etna a ferver, pelo meu sangue explode.

E tremulo, febril, doudo, cambaleante,  
Nas allucinações d'uma fatal vertigem,  
Fico, mudo, a pensar em mil loucuras, ante  
A opulencia real da tua carne virgem.

Delicias construindo, architectando gosos,  
O meu desejo rola em delirantes quedas,  
Desde a bocca vermelha aos teus seios formosos,  
Como igneos satans de azas de labaredas.

Nem sabes o martyrio atroz que me treslouca  
Qual um Tantalo, ao ver entre infernaes resabios,  
Faminto—o estranho Pão perto da minha bocca,  
Sedento—a Agua, a correr tão perto de meus labios.

Com que goso estupendo, eu não oscullaria,  
Esses seios gentis que os Raphaelis sonharam,  
Essa mão, que me prende á cruz d'esta agonia,  
Esses pequenos pés que já no céu pisaram.

Mas ai! és como esse Azul immenso e puro  
Rutilante, suspenso ao meu terreno olhar,  
Azul—que fulge e ri para o meu ser escuro  
Mas, onde, nunca, nunca! eu poderei chegar.

Aos meus olhos sém luz, em que resplendem dôres,  
Tú surges a raiar sob fulgurações,  
Como uma deuzza que n'um carroçim de flôres,  
Surgisse lá no Alto, entre constellações.

Diante do teu fulgôr todo o clarão se obumbra,  
A treva resplandece, a noite se illumina...  
Astro, trazes contigo a luz que me deslumbra !  
Rosa, trazes contigo o olôr que me allucina !

Para te possuir commetterei façanhas,  
Que pasmará p'ra sempre o velho mundo incrível:  
Sinto forças em mim para rasgar montanhas !  
Sinto azas em mim para subir ao céu !

Ama-me ! e eu sinto sobre a minha fronte ardente  
Como um raio de luz pousar a tua mão...  
Ama-me ! e desde então serás eternamente,  
Minha patria, meu Deus, minha religião.

Só por ti curarei estas fataes feridas,  
Que a desgraça feroz no meu peito rasgou,  
E d'harpa arrancarei canções desconhecidas,  
Poemas geniaes qu'inda ninguem sonhou.

O Martyrio, a Desgraça, a Lagrima, a Agonia,  
Bando Negro que vae neste abrasado Pó,  
Para sempre de mim, vencido, fugiria  
Com um carinho teu, com um só beijo, um só !

Si nos olhos, fiel, em nitidas imagens,  
O craneo reflectisse os pensamentos seus,  
Veriam-te gravada em rutilas miragens,  
Nua e bella a fulgir dentro dos olhos meus.

Possuir-te, beijar-te, é ir por céus profundos,  
Envolto nos clarões dum calido arrebol;  
Possuir-te, é voar por ignotos mundos,  
Descuidado a dormir sobre as azas de um sol.

Mas debalde, debalde ! a magua que me assalta  
Sempre e sempre maldita ha de me perseguir !  
Pois tu, Montanha Azul, és tão alta ! tão alta !  
Que ao teu cimo jamais eu poderei subir.



E esta idéa cruel me afflige e desespera,  
Rasga-me o coração em furores dementes,  
Qual se nelle tivesse uma terrivel fera,  
Ou solto dentro d'alma um ninho de serpentes.

Lucto em vão. Ao fitar-te, Assombro da Esculptura!  
Um delirio fremente o corpo me sacode,  
E em tragico furor e em tragica loucura,  
Um Etna a ferver, pelo meu sangue explode.

E tremulo, febril, doudo, cambaleante,  
Nas allucinações d'uma fatal vertigem,  
Fico, mudo, a pensar em mil loucuras, ante  
A opulencia real da tua carne virgem.

Delicias construindo, architectando gosos,  
O meu desejo rola em delirantes quedas,  
Desde a bocca vermelha aos teus seios formosos,  
Como igneos satans de azas de labaredas.

Nem sabes o martyrio atroz que me treslouca  
Qual um Tantalo, ao ver entre infernaes resabios,  
Faminto—o estranho Pão perto da minha bocca,  
Sedento—a Agua, a correr tão perto de meus labios.

Com que goso estupendo, eu não oscullaria,  
Esses seios gentis que os Raphaelis sonharam.  
Essa mão, que me prende á cruz d'esta agonia,  
Esses pequenos pés que já no céu pisaram.

Mas ai! és como esse Azul immenso e puro  
Rutilante, suspenso ao meu terreno olhar,  
Azul—que fulge e ri para o meu ser escuro  
Mas, onde, nunca, nunca! eu poderei chegar.

Aos meus olhos sem luz, em que resplendem dôres,  
Tú surges a raiar sob fulgurações,  
Como uma deusa que n'um carroçim de flôres,  
Surgisse lá no Alto, entre constellações.

E ao ver-te scintillar lá nesses universos  
Onde estás, d'este abysmo eterno em que cahi,  
Sonhei, (louco !) fazer uma Babel de Versos,  
Uma torre de luz para chegar a ti.

E luctei, e luctei... a torre astral subia,  
Subia ao vasto céu que o meu amôr sonhou;  
Mas, subito, ao tocar-te (oh, caustica ironia !)  
Ao teu supremo olhar ruio, desmoronou.

E de novo voltei a crypta de abrolhos,  
E de novo voltei, a deslisar no chão,  
Com uma noite hybernal a esvoaçar nos olhos,  
E um corvo a crocitar sobre meu coração.

Jamais ha de tocar meu labio nesse gomo  
Onde guardas, altiva, o mel dó teu carinho;  
Jamais te morderei, ó luminoso Pomo !  
Jamais te beberei, ó fulgurante Vinho !

N'outros braços, talvez, essa carne adorada,  
Origem d'este atroz tormento doloroso,  
De voluptia, a rugir, lubrica e allucinada,  
Ha de tremer de febre e ha de morrer de goso.

Um outro ha de beber em ancias e desejos,  
N'uma febre sem fim, n'uma voluptia louca,  
Envolvendo-te n'uma erupção de beijos,  
Esse mel, que ninguem inda possuiu na bocca.

Um outro, ha de subir a esse céu que estréllas,  
Com teus sonhos em flôr e canticos infindos;  
De beijar essas mãos divinamente bellas.  
E esses seios de neve infernalmente lindos.

Um outro ha de possuir (destino inexoravel,)  
O amôr que me negaste em teus desdens ferinos;  
Um outro ha de beijar-te o corpo inegalavel,  
E orgulhoso dormir nesses braços divinos.



E para esse, então, entre desejos floreatos,  
Descerrarás o amôr d'essa tu'alma fátua.  
E entreabrirás, sorrindo, os teus labios marmoreos,  
E entreabrirás, cantando, os teus braços de estátua.

E eu triste, mudo e só, neste supplicio eterno,  
Hei de vêr, sem soltar um unico lamento,  
Do eterno florescer das mil chammas do inferno,  
O eleito, a sorrir, no alto do firmamento.

E eu, triste, ficarei, cego por teus lampejos,  
Seguindo sem cessar o rastro de teus passos,  
O' céu vivo que nunca hei de cobrir de beijos!  
O' astro que jamais hei de apertar nos braços!



## PYRAMIDES

*Ao Guilherme Mattos*

Que Rei, louco ou genial, aos tempos implacaveis,  
Fez erguer essas tres pyramides do Egypto?  
Que cyclopica mão de forças formidaveis  
Ergueu esses Titans de marmore e granito?

Passa o Tempo veloz . . . O sec'lo as impalpaveis  
Azas, abre no vôo aligero e finito,  
E ellas ficam de pé, firmes e inabalaveis,  
Olhando eternamente os astros do infinito.

O' tu, a quem a gloria, alta e immortal, consome!  
Trabalha! ergue, tambem, Obras alcandoradas!  
Só assim poderás marmorisar teu nome!

E os sec'los ao passar na treva humana immersos,  
Poeta! deixarão, fulgindo, eternisadas  
As Pyramides d'oiro e prata, de teus Versos.





## GOLGOTHA ESTRELLADO

Christo—não sei que mãos amarraram-me, um dia,  
A' sagrada Columna albente de dois Braços,  
E mil beijos senti, como uma melodia,  
Açoutar e ferir todos os meus membros lassos.

O Pilatos do Amôr, numa atroz zombaria,  
De minha Alva Paixão ri-se nos aureos Paços...  
Ah! que dure p'ra sempre esta minha Agonia,  
E veja duplicar os sacros Sete Passos.

Um divino Suor a minha fronte estrélla...  
Que só sem Cyrineu os pés e as mãos descarne!...  
Nenhum Martyr jamais teve uma Cruz tão bella!

A turba ha de me ver, em intimos assombros,  
Regio Christo feliz—o' nivea Cruz de Carne!  
A sorrir e a cantar, levando-te nos Hombros.



## NOVO MUNDO

*Para o João Quadros*

### I

Ha muito te sonhei, nivea Carne cheirosa ! . . .  
Doirando a escuridão de meu sonho fecundo,  
Quanta vez não te vi, Terra prodigiosa !  
Quanta vez não te vi, formoso Novo-Mundo !

E parti... A correr os mares, a assombrosa  
Tempestade venci no pelago iracundo;  
Como um Christo estendendo a mão victoriosa,  
Vi curvar-se, a meus pés, o oceano, moribundo.

Quando, ante os furacões tremia, immorredoiro,  
Via-te resurgir no horisonte, perdido,  
Entre lagos azues e entre cascatas d'oiro.

E luctei, ao furor dos meus sonhos em guerra,  
E afinal quando um dia ia cahir vencido,  
Terra ! ouvi, exclamar, por sobre os mastros: Terra !

### II

E abriste-me o teu seio, e n'elle, ó Mundo amado !  
Do meu Dominio ergui o pendão reluzente . . .  
Ah ! deixa-me dormir sereno e deslumbrado  
Sobre o setim em flôr desse teu solo albente.



Meu labio—aventureiro audaz—anciosamente  
Procura a tua bocca, um rubido Eldorado;  
Terra branca e aromal! Patria do amôr ardente!  
Acolhe no teu seio o aventureiro ousado!

Acção phenomenal! . . . descoberta famosa! . . .  
Nenhum dos immortaes Colombos teve a sina  
De ser descobridor de terra tão formosa . . .

Pude, emfim, encontrar a alma dos meus desejos . . .  
Sejas sempre habitada, America divina,  
Pelo povo faminto e errante de meus Beijos.



## GENUFLEXO

O' estatua morena,  
Mixto de gelo e lava de vulcão,  
Meu inferno, meu Eden, minha pena,  
Meu goso, minha noite, meu clarão;  
Lyrio d'azas que se ergue ante meus olhos,  
Gottejando em meu peito este luar;  
O' céu cercado de astros e de abrolhos,  
Onde não posso entrar;  
O' lindo astro terreno,  
Resplandecendo neste iniquo chão,  
Vem do teu ninho candido e sereno,  
Quebrar a minha taça de veneno  
E espedaçar a minha escuridão! . . .  
Ouve o clamôr desta paixão fremente,  
Que por abysmos e por céus me leva;  
Ouve o clamôr do coração doente,  
Crucificado nesta grande treva;  
Escuta a minha voz desesperada,  
Que te chama, num tremulo gemido,  
Da deslumbrante Tenebra doirada.  
Em que eu ando perdido.

Enlouqueces-me, ardente mancenilha!  
Em vão quero ficar sereno e mudo  
Ante esse corpo virginal que brilha  
E que amo mais que tudo;  
Em vão desvio o olhar! Minha alma louca,



Presa, não sei por que latentes laços  
Na paixão gloriosa que a treslouca,  
Só pensa nas voluptias dessa bocca  
E nos ardôres desses lindos braços . . .  
Fujo. E ausente de ti, mudo e sombrio,  
Horas te insulto, e logo após te imploro . . .  
Como que tenho o cerebro vasio,  
Grito e suspiro, desespero e rio,  
E nem sei porque gemo e porque choro.

Se o amôr é esta treva rutilante,  
Esta doce e cruel anciedade,  
Este supplicio estranho e fascinante,  
Este soffrer dentro da f'licidade;  
Se o amôr é este céu de espinhos feito,  
Que de beijos e lagrimas recamo;  
Se o amôr é isto que me invade o peito.

Eu te amo, eu te amo !

Amo-te, sim ! mas ao te vêr, formosa.  
Tão serena, tão fria, tão gelada,  
Tal uma bella estatua luminosa  
De mil trevas cercada;  
Ao vêr-te rir desta paixão que nasce  
Desta borrasca que parece calma,  
O pranto não me corre pela face,  
Mas corre-me pela alma.

Porque não lanças ao meu Sofrimento  
Um farrapo da luz do teu sorriso ?  
Porque fechas-te assim, ó firmamento ?  
Porque foges assim, ó paraizo ?  
Abre-me os braços ! Desce ao meu tugurio,  
Desce por estes ermos tenebrosos,  
Em que vivo sem sonhos e sem gosos,  
Como um passaro espurio.  
Deixa que eu durma, envolto de esplendores  
Da tua carne, no divino lume,  
Embriagado pelos seus fulgores,  
Embebedado pelo seu perfume;

Biblioteca Pública  
São Luiz - Maranhão

Deixa que fórme versos com os gorgeios  
Que derramas da voz melodiosa;  
Deixa os meus beijos habitar-te os seios,  
—Esses pequenos mundos cór de rosa;  
Mata em meu triste coração coberto  
De teus desdens os ámaros resabios  
E que eu te sinta e que te veja perto,  
    Bem perto de meus labios.





## PRIMAVERAS

### I

Vamos. Nilze, a correr para as delicias ! vamos  
Celebrar o verdôr d'estes nossos carinhos !  
De balladilhas, Deus anda enfeitando os ramos,  
E gorgeios floraes arabescando os ninhos.

Procuremos um pouso onde nos escondamos,  
Construido de luz e canticos e arminhos;  
Cantam aves ao vêr o quanto nos amamos . . .  
Ah ! que inveja terão todos os passarinhos!

Por tudo a nossa febre entorna-se . . . Em cantares  
Passam casaes batendo as azas leves; ouço  
Harmoniosa luz cascatear, nos ares . . .

Riem anjos com as mãos cheias de primaveras . . .  
Arde o sol, e arder sinto o meu sangue de moço  
Como a lava em furôr nas veias das cratêras.

### II

De nuvens lyriaes todo o espaço se enfeita,  
Constella-se a amplidão de pompas d'alvoradas;  
Todo o céu me parece uma corôa feita  
De benções p'ra croar almas enamoradas.

O sol—olho de Deus—no espaço, aberto, espreita  
A terra rebentando em flôres e balladas;  
Num suave chilrar a noss'alma deleita  
Uns suspiros subtis de noivas desmaiadas.

Beijam-se aves pelo ar, . . . Tantos exemplos vemos . . .  
Não te envolvem, siquer, as chammas d'estas preces?  
Uu suspiro, um abraço, um beijo e . . . peccaremos!

Vem aos meus braços, Tú que a minha vida enflóras!  
Ao meu sedento olhar, Chilro de amôr, pareces  
Uma taça estrellada a transbordar de auroras.





## EDITAL

Ninhos todos, enchei-vos de balladas !  
Passarinhos, cantai de ramo em ramo !  
Eu amo, ó aves doudas das ramadas,  
O' rosas castas dos jardins eu amo !

Versos d'oiro, canções enamoradas,  
Que eu aos pés della, sem cessar, derramo  
Ide já proclamar pelas estradas  
O que bem alto para os céus proclamo !

Estrellas varias, passaros diversos,  
O' sol rubro, ó mar verde, ó céu sereno,  
Todos que ledes os presentes versos !

Sabei que um Anjo nos meus sonhos erra,  
Sabei que eu amo um cherubim moreno  
O mais formoso cherubim da terra.



## DENTRO DO SÉCULO

Raiva o Odio, e ante o olhar da Iniquidade,  
A Justiça, entre lagrimas, expira;  
Divinisa-se o zero; a nullidade  
Tem estatuas de prata e de saphira;

Vibra a lisonja aos pés da potestade  
Do oiro endeusado, a multiforme lyra;  
O vicio é uma virtude; e a Divindade  
Suppõe-n'a os homens uma atroz mentira.

E entre todo esse horror, muda e isolada,  
Envolta em sua luz invulneravel,  
Num extasi supremo arrebatada,

Pairando sobre a corrupção medonha,  
De olhos no céu, serena, imperturbavel.  
Minh'alma branca de poeta sonha.





DO MESMO AUTOR

*PUBLICADO:*

Harpas de Fogo

-1903-



## INDICE

Na Liça.....	7
A minha mãe.....	13
De joelhos.....	17
Impenitente.....	20
Temor.....	21
Em desespero.....	22
Uma historia.....	23
Duvidas.....	26
Ninho em pedaços.....	27
No planeta—Terra.....	28
Diante da estatua de um general.....	30
Martyrio delicioso.....	31
Jehovah.....	32
Vida.....	34
Irman das aves.....	35
Moreninha.....	36
Fachos.....	37
Coisas do amôr.....	41
Aos Messias.....	42
Consolação.....	43
Suprema fôrça.....	44
Meu pensamento.....	47
Aos bons.....	48
Do cimo duma montanha.....	49
A uma creança.....	56
Brasileira.....	57
A um louco.....	58
Eterno quadro.....	63



Na escuridade.....	64
Olhando os astros.....	65
Evangélho.....	71
Prometheu.....	72
Terra de promissão.....	73
Amar.....	77
D. Bébé.....	78
Evocação.....	79
Alma de mulher.....	81
Parabola.....	82
Ninho vasio.....	83
Resposta.....	85
Cartinha urgente.....	86
Martyrio secreto.....	88
Supplica.....	89
Coisas do coração.....	90
Tua mão.....	92
Montanha preta.....	93
Problema eterno.....	94
Ao luar.....	95
As cinco irmans.....	98
O incendio.....	99
A' prima.....	100
Santa.....	102
Metamorphose.....	103
Primeiro amôr.....	104
Supremo alvo.....	105
Pela vida.....	107
Destino humano.....	108
Em uma noite estrellada.....	109
Lasaros.....	112
Dentro do abysmo.....	113
Combate.....	114
A uns olhos.....	115
Por um olhar.....	117
A um sonho.....	121
Eterna magoa.....	123
A I. Xavier de Carvalho.....	124
A uns namorados.....	125
Ancias.....	128
Felicidade.....	130

Infancia.....	131
Versos a Portugal.....	133
Morte gloriosa. ....	136
Pólo do Norte.....	137
Pyramides.. ..	142
Golgotha estrellado. ....	143
Novo mundo.....	144
Genuflexo.....	146
Primaveras.....	149
Edital.....	151
Dentro do seculo.....	152

